Cinearte

ANNO VI N. 264
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 18 DE MARÇO DE 1931
Preço para todo o Brasil 1$000

LOIS MORAN

CARMEN VIOLETA E CELSO MONTENEGRO NUMA SCENA DE "MULHER", DA CINÉDIA.

Anno VI Numero — 264 —

17 Março — 1931 —

A producção official de films em diversos paizes, destinada exclusivamente a fins de administração, vae alcançando resultados surprehendentes.

Demonstra isso como certos paizes em que o Cinema não é tido como cousa futil, indigna de que gente séria com elle se preoccupe, encaram esse apparelho que proporciona hoje o mais efficaz dos processos de propaganda e vae se insinuando maneirosamente como o mais perfeito dos auxiliares pedagogicos.

Temos presente uma estatistica da producção official norte-americana, por departamentos de governo.

Nella vemos que o Departamento da Agricultura mantem uma secção cinematographica com Studio e laboratorios excellentemente apparelhada. Essa secção applica-se exclusivamente á confecção e distribuição de films educativos de assumptos agricolas. Agronomia, sylvicultura, pecuaria, engenharia rural, economia domestica, nada escapa aos technicos desse departamento de governo que com os seus films levam ao conhecimento de todos os que se dedicam á vida agricola no vasto territorio dos Estados Unidos, tudo quanto se refere aos processos mais modernos de cultura e creação, ás molestias que atacam plantas e animaes, aos methodos para resolver os problemas de engenharia rural ao mesmo tempo que proporcionam ás donas de casa os conhecimentos sobre creação de aves, coelhos, etc., plantio de jardins, aproveitamento do fructo e da flor; cuidados hygienicos para a defesa do lar, tudo emfim quanto se relaciona com a vida rural. Possue o Departamento um *stock* de 250 films de que milhares de copias estão espalhadas por todos os Estados da União Americana. E isso se refere apenas á producção propria.

O Departamento adquiriu ainda da industria particular mais de 150.000 metros de film sobre esses assumptos annualmente.

Os Departamentos do Interior e do Trabalho tambem produzem films sobre os assumptos que lhes são proprios, films que são emprestados mediante o pagamento apenas das despesas do transporte.

O Departamento do Commercio tem tambem installações grandes e tem realizado grande numero de films principalmente sobre mineralogia. O "stock" é superior a 700.000 metros. O emprestimo é gratuito tambem.

O Departamento do Thesouro tem a seu cargo os films referentes á Saude Publica que da mesma sorte são emprestados sem onus aos departamentos de hygiene dos Estados e municipios.

O Departamento da Guerra por fim produz annualmente milhares de metros de films, destinados exclusivamente ao uso das forças armadas.

Eis ahi o que nos revelam as estatisticas a respeito.

Muito teriamos a dizer sobre a utilidade advinda do emprego desses films officialmente realizados e fartamente divulgados atravez todos os departamentos de administração, quer federal, já estadoal ou municipal. Isso, porém, está entrando pelos olhos de toda gente. Não vale a pena insistir.

CINEMA DO

Ruth Gentil é um nome que ainda está na memoria de todos, aureolado de sympathia e admiração. Foi uma das figuras principaes da "Escrava Isaura." Esteve na Europa passeando todo esse tempo e voltou a São Paulo mas regeitou todos contractos. Agora no Rio, porém, Ruth Gentil não se póde furtar a uma excellente opportunidade que lhe offereceu a Cinedia com um contracto para figurar num dos principaes papeis de "Mulher" que tem a sua filmagem tão adiantada que provavelmente vae ser a primeira producção a ser exhibida.

"Mulher" aliás, além de Carmen Violeta como estrel-

Diva Tosca é uma das figuras principaes de "As Armas", producção da Cruzeiro do Sul de São Paulo breve veremos no Rio.

Irene Rudner é uma das mais interessantes artistas brasileiras. Por isso já figurou numa porção de films e continúa cada vez mais procurada. Actualmente figura em "O campeão", "Iracema" e "A vida de José Anchieta".

BRASIL

la que foi uma verdadeira revelação, tem um elenco magnifico constituido de Celso Montenegro outra figura conhecida de "Escrava Isaura", Leda Léa, Maximo Serrano, Luiz Soroa, Carlos Eugenio, Ivan Villar, Humberto Mauro e outros.

\+ + +

Tambem Alda Rios, a interessantissima estrella de "Tormenta", producção da Bellorizonte Film, acaba de ser contractada pela Cinedia para um dos principaes papeis de "Ganga Bruta" que será, fora de qualquer duvida o melhor trabalho de Humberto Mauro.

Tamar Moema, como se sabe é a estrella.

\+ + +

Genesio Arruda, é o director e protagonista do "Campeão de Foot-Ball", uma nova producção paulista que aliás tem como "Camera-man", Victor Del Picchia.

E para o principal papel feminino do film acaba de ser escolhida uma conhecida figurinha de gaúcha que se esconde sob o pseudonymo de Bugrinha de Macedo...

\+ + +

"Alvorada de Gloria" é o titulo de um novo film brasileiro que Del Picchia está produzindo e que tem as primeiras scenas dirigidas por Luiz de Barros.

Lydia Sarmento, figura bem querida e amada do palco brasileiro, e uma das maiores enthusiastas do Cinema, é a estrella, tendo como galã Nilo Fortes já conhecido de "As Armas!". Nelson de Oliveira, tambem com um cavaignac "à la" Sorôa figura num dos principaes papeis.

Francisco Scollamieri, galã de "Mocidade Inconsciente" da Gloria Film de São Paulo.

CLEO DE VERBERENA

Jack Oakie e Jean Arthur em "The Gang Buster"

THE COMMAND PERFORMANCE — (Tiffany) — Um assumpto que provoca risos e não pode ser levado a serio, explorando, mais uma vez, os taes reinos imaginarios, nos quaes os films sempre foram prodigos. Neil Hamilton, entretanto, no papel de principe impostor, está esplendido. Una Merkel, como heroina, admiravel. Albert Gran é formidavel como rei. A direcção de Walter Lang é exquisita, particularmente nos momentos em que não presta...

WESTWARD BOUND — (Syndicate) — Buffalo Bill Jr., com certeza, descobriu que Cinema dava dinheiro. Aprompto seus dois revólvers de seis balas, cada um, saltou para um cavallo e poz-se a caminho de Hollywood. Aqui, diante dos microphones e das *cameras*, repetiu suas façanhas e pensou que isso fosse Cinema... O resultado é este film. Mas, pelo amor ao bom gosto, não me assistam isto...

MEN WITHOUT LAW — Columbia) — Pode ser que você e eu não liguemos mais, positivamente, aos films do oeste. O facto é, entretanto, que nos Cinemas dos arrabaldes os films de Buck Jones são tiros certos na bilheteria e successos garantidos. Elle e Carmelita Geraghty, como heroina, mais bonita do que nunca, agradam, durante o film todo. O local da historia é hespanhol e interessa.

MADONNA OF THE STREETS — (Columbia) — Evelyn Brent consegue triumphar num assumpto velho, cheio de pó. Ella tem o papel de amante de um homem rico que acha que lhe deve ao menos um milhão pela sua estima e dedicação. Assim vem ella a New York, junta-se á uma sociedade evangelica e acaba apaixonando-se pelo pastor da missão. Robert Ames, Josephine Dunn e Richard Tucker tomam parte. Um bom film.

TWO WORLDS — (British Interntional) — Um dos melhores entre os films inglezes que nos têm sido mostrados, ultimamente. Uma historia sincera, dramatica e mostrando lutas de raças nos passados dias da grande guerra. O director foi E. A. Dupont, creador do famoso *Variété* de saudosa recordação. Elle conhece Cinema, se conhece! O assumpto é bom e a direcção é intelligente. Norah Baring e John Longden são os heroes: conhecem-nos?...

Para passar tempo, serve.

FOR THE LOVE O'LIL — (Columbia) — Um desses films que nada dizem á alma e nem ao coração. Jack Mulhall e Sally Starr são o casal. Margaret Livingston, a vampiro, já se sabe... Um filmzinho regular, apenas.

THE HATE SHIP — (British Internacional) — Um melodrama da escola antiga, este, mas um film passavel, apesar de tudo. Um assumpto de mysterio a bordo de um *yacht*. Os inglezes, entretanto, ainda têm muito que aprender com os "yankees" em materia de technica, principalmente... Jameson Thomas, actualmente no Cinema americano, figura no elenco.

THE DAWN TRAIL — (Columbia) — Buck Jones é o *astro* deste film e, sua heroina, a deliciosa Miriam Seegar. Existem umas lutas entre homens de dois grupos, no film, que offerece bastante emoção. Charles Morton (lembram-se delle?...) é o villão. Um film que vale, perfeitamente, o preço da entrada.

PHANTOM OF THE DESERT — (Syndicate) — Jack Perrin e seu cavallo ensinado, *Starlight*, num outro film de oeste. Eva Novak é a heroina... Coitadinha della... Existe o villão feroz e muitas correrias e soccos, igualmente.

UNDER MONTANA SKIES — (Tiffany) — Uma grande divida, este film, no conceito do publico. O pequenino saldo é Slim Summerville e sua comedia... A historia ainda é sobre uma pequena de theatro e este assumpto ha tres annos que o Cinema falado já vem tentando abolir, com successo, aliás... Kenneth Harlan é o primeiro. Dorothy Gulliver a tal pequena. Slim é o film, entretanto. Isto é: o pouco de agrado que elle tem.

WHITE MEN OF KALIHARI — (Travel Film) — Mais cousas sobre Africa e explorações de seus mattos e rios. Qual!

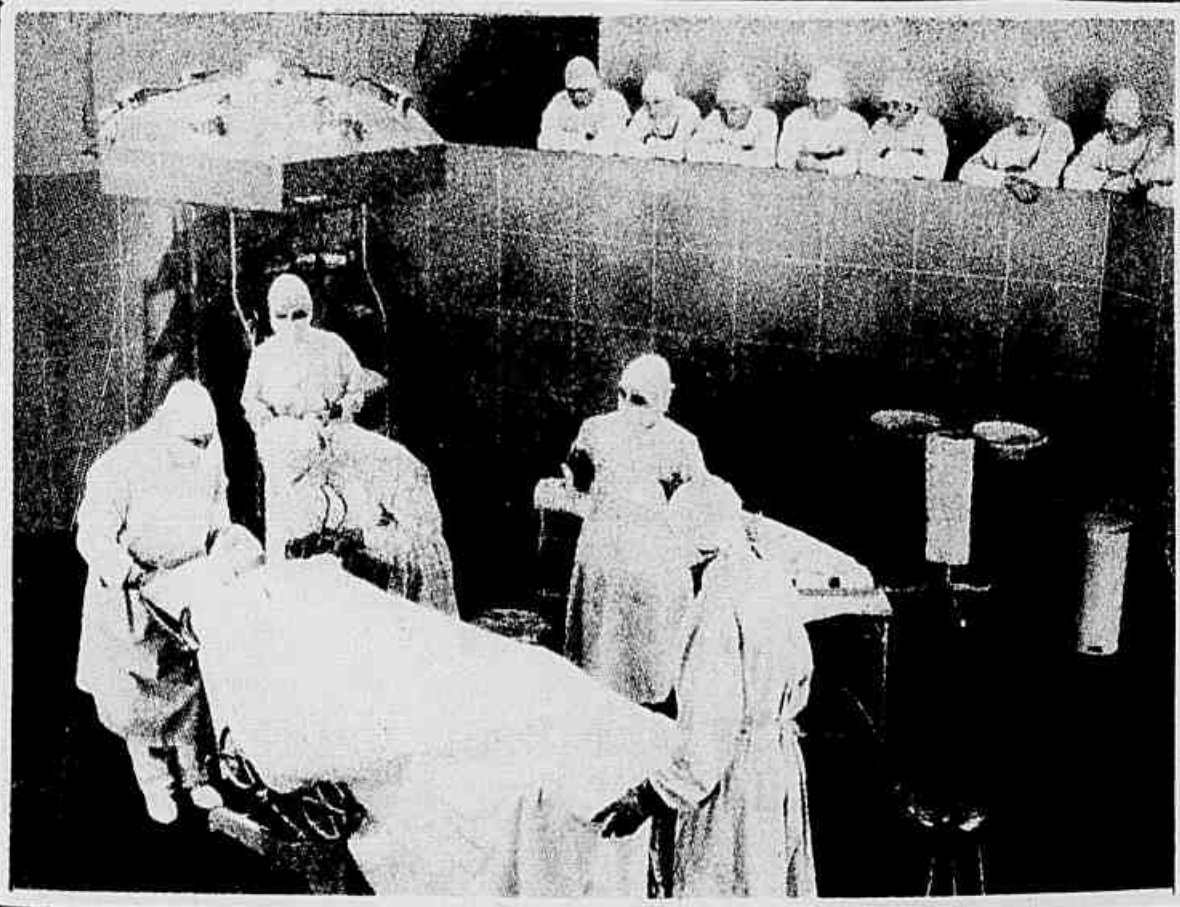
Constance Bennett e Robert Montgomery em "The Easiest Way"

Não ha mesmo esperança de que aquellas *feras* e aquelles *selvagens* comam uma dessas missões, para, assim, terminarem esses films?... Desconfio muito que até as *feras* de lá já andam desacreditadas e trabalham nesses films a 7 dollares e ½ por filmagem...

THE YELLOW MASK (British International)—Uma tentativa dos nossos primos inglezes para misturar musica, comedia e melodrama numa só panella, digo, num só film... Mas não conseguiram... O film é positivamente terrivel. Lupino Lane e sua comedia, afinal, é a unica cousa que interessa, mesmo... O melhor, mesmo, é esquecer esta "Yellow Mask"...

SOUS LES TOITS DE PARIS (Tobis) — Mesmo que conheça muito pouco francez, gostará deste film, porque é mais pantomima do que dialogo, mesmo. O director Clair teve alguma imaginação. A atmosphera de Paris é boa. A historia tem pontos fracos. Em geral o film é soffrivel.

CITY LIGHTS (United Artists) — Afinal! O tão esperado film silencioso de Carlito, o primeiro film silencioso que se exhibe nestes ultimos tres annos de producções totalmente faladas. Prova o que affirma o seu imaginador: mesmo sem uma palavra é um portento, é um trabalho de mestre! Como um film épico da pantomima, "City Lights" é uma estupenda obra de arte. Como film falado, perderia todo seu valor. Como todos seus films anteriores, é uma reunião de subtil humor, comedia grossa, ironia, hilaridade vulgar, e, em tudo, o toque de sentimentalismo commovedor que é o signal caracteristico dos trabalhos do genial Carlito. A historia é deliciosamente suave, embora simples e sem importancia. A comedia e o sentimentalismo que ella contém supplantam o assumpto. Jamais, em annos, temos visto cousa tão engraçada quanto a scena do "penny" encravado na sua garganta e nada tão pathetico, tambem, quanto o "shot" final do film. Uma obra de grande humorismo e de arte da mais genuina. Em materia de som, ha uma symphonia admiravel, compilada e parte composta pelo proprio Carlito, com frequentes intercalações de "som" mas "voz", jamais! Ha, entretanto, imitadas por instrumentos, de forma grotesca, diversas vozes, e isto, parece-nos, é a vingança que Carlito tira dos "talkies", ridicularisando-os dessa forma. Virginia Cherrill estréa neste film e é a nova heroina de Charles Chaplin. Compõe, pela direcção do mestre, um typo fragil e admiravelmente delicado de loira que agradará immenso e fala mais do que todas as vozes deste mundo... E' impossivel negar que "City Lights" seja, de facto, um dos maiores films recentemente feitos e, mesmo, melhor do que todos os films falados que já foram feitos até a presente data.

RESURRECTION (Universal) — A versão falada deste antigo successo silencioso, prova ser um triumpho para Lupe Velez. Como representa a mexicanazinha! Tem uma das mais bellas interpretações do mez e torna original um assumpto que, apesar de pertencer a Tolstoi, tem muita cousa de vulgar. A versão silenciosa, entretanto, não será jamais esquecida. Era melhor. John Boles canta de forma admiravel, a ponto de se desejar ouvir mais. As scenas de neve são convincentes.

SCENA DE "DRACULA".

GENTLEMAN'S FATE (M G M) — Estamos contentes, de novo! Este film prova, de

FUTURAS

vez, que o que vinha faltando a John Gilbert não era voz, não. Eram historias boas e boas direcções, apenas. E' verdade que, neste film, elle divide as honras com Louis Wolheim (o infeliz victima de uma morte violenta e rapida), mas o seu desempenho é admiravel e elle, no film todo, prova que ainda é o mesmo admiravel John Gilbert que já vimos, formidavel, em tantos outros trabalhos. Duas loirinhas lindas trabalham com elle: Anita Page e Leila Hyams. Marie Prevost e George Cooper fornecem a comedia. A historia é drama do mais intenso e lida com a sorte do filho de um millionario que descobre, afinal, que é filho de

um chefe de quadrilha. Mervyn Le Roy merece especial menção, na direcção, pela emoção que consegue manter durante o film todo e pela maneira intelligente e sabia com a qual nos deu tão brilhantemente de volta o genial John Gilbert.

TRADER HORN (M G M) — Eis, afinal, o film que levou quasi dois annos em confecção. O film que requereu uma completa companhia nos sertões africanos, com incompletos e incapazes apparelhos de voz e som. Mezes gastos no continente negro tirando scenas. Mezes, no Studio, trabalhando no som que fôra todo perdido pela inutilidade dos apparelhos, na Africa. Centenas de milhares de contos gastos em film perdido e pessoal inutil. A saude de Edwina Booth e o marido a Madame Duncan Renaldo... Quanta cousa custou "Trader Horn..." Isto tudo, entretanto, sente-se que foi bem applicado. O film é um dos mais formidaveis que já se fizeram. O primeiro motivo de agrado é o caracter intensamente dramatico da sua historia e que o seu director, W. S. Van Dyke, soube sabiamente manter no mais alto grão de emoção. Segundo motivo, Harry Carey, o veterano, deslumbrando no papel de "Trader Horn", (não o barbado de que nos fala a historia, mas o Cinematographico, o admiravel). Elle se põe facilmente ao lado dos maiores artistas de Hollywood. Edwina Booth offerece um desempenho differente e apaixonado, perfeitamente novo e agradavel. Mutia, o negro africano, quasi rouba o film e não o faz porque Harry Carey é perfeito. Duncan Renaldo podia ter sido melhor. Ao lado disto tudo, animaes em quantidade, emoções das selvas e photographia perfeita e deslumbrante. "Trader Horn" é uma conquista em materia de film e é alguma cousa da qual necessitavam as nossas platéas.

THE SOUTHERNER (M G M) — Este alegre film tem encanto, excellente comedia e Lawrence Tibbett, além de tudo. Um excellente divertimento, sem duvida. "The Southerner" nos traz de volta, igualmente, Esther Ralston. Ella volta como poucas e de forma brilhante. Parece-nos, além disso, extremamente linda. Tibbett tem o papel principal, o bohemio e cantor filho de uma familia do sul que vaga cinco annos sem rumo e, afinal, volta para seu lar e para Esther. O film é excellente auxiliado pela comedia que offerecem Roland Young, Cliff Edwards e Stepin Fetchit. Vocês verão Tibbett sem uniforme, pela primeira vez, mas mesmo nas vestes de vagabundo elle é esplendido. E como sabe cantar!

Ken Maynard e Jeanette Loff em "Fighting thru".

THE GANG BUSTER (Paramount) — Finalmente, uma boa e engraçada historia para Jack Oackie e, nella, elle tem a sua maior opportunidade. "The Gang Buster" é um divertimento comico, elegante, com Oackie no papel de um covarde agente de seguros de Arkansas que entra numa grande cidade e é envolvido, sem querer, num medonho negocio de quadrilhas. O film é uma mistura tremenda de comedia e melodrama. Oackie é constantemente ameaçado por William Boyd (do theatro) que é o chefe da quadrilha. O elemento amoroso é fornecido pela linda Jean Arthur que apenas tem poucos metros para se mostrar admiravel e linda, mesmo. William Morris, pae de Chester, tem o papel de pae de Jean. Era a especie de argumento da qual necessitava Oackie. Dêem-lhe bons films e contem com o successo dos mesmos.

SEAS BENEATH (Fox) — George O'Brien trocou sua vestimenta de vaqueiro por um uniforme de marujo e figura nesta admiravel aventura Cinematographica sobre os submarinos, na grande guerra. Um dos maiores e mais magestosos submarinos da esquadra americana é fornecido pelo governo para figurar neste film. John Loder e Mona Maris apresentam-se em dois bons papeis, igualmente. Marion Lessing fornece o elemento amoroso com o heróe. Um esplendido melodrama no qual tudo é familiar e apreciavel.

THE EASIEST WAY (M G M) — Este film é moderno, malicioso, esplendidamente dirigido e soberbamente representado por Constance Bennett, Adolphe Menjou, Robert Montgomery e Anita Page. Pena é que lhe faltem mais importancia e mais interesse, em certos trechos, para se tornar uma *super*, mas é innegavelmente esplendido. Diversão de primeira especie. Constance é uma mulher luxuosa que se apaixona por um homem pobre. Adolphe é o namorado rico, certamente.

Edwina Booth, Duncan Renaldo e Harry Carey em "Trade Horn".

NO LIMIT (Paramount) — Clara Bow é uma melindrosa, socia de uma quadrilha e levadinha da breca como só ella. Seus vestidos são lindissimos! Seu cabello, recentemente tinto, agrada. Stuart Erwin e Harry Green são realmente engraçados. Norman Foster é o romantico... Pode ser que o diverta e pode ser que não...

THE MAN WHO CAME BACK (Fox) — O primeiro film que reune, novamente, Charles Farrell e Janet Gaynor e, além disso, guia-os pelos peccados mais tenebrosos até o proprio cáes de Shangai, o mais sordido de todos. Ali o amor os torna bons e honestos e, com grandes difficuldades, voltam para New York e para os bilhões de Charles. A direcção de Raoul Walsh tentou effeitos lyricos, no assumpto e fracassou. Os maliciosos darão uma grande gargalhada com este film... Ha momentos do romance de *Setimo Céo*. Mas momentos, apenas, quando aquelle era o film todo.

Joan Crawford e Lester Vail em "Dance, Fools, Dance".

DANCE, FOOLS, DANCE (M G M) — Joan Crawford prova, de novo, que é, de facto, uma grande artista dramatica. William Bakewell, novamente, prova que sabe ser bom dentro dos bons papeis como seu irmão mais moço, cheio de vicios e fraquezas. A historia que se refere á uma pequena outr'ora rica, que, afinal, precisa até trabalhar para viver, e, além disso, um irmão que se entrega ás quadrilhas e aos vicios, é "hokum" genuino. Mas do bom, diga-se, e Joan põe vida até demais no seu desempenho. E' um divertimento agradavel e cheio de emoção sincera.

MILLIE (Radio) — Uma versão regular do livro e com todos os pontos marcados conseguidos: situações tragicas para as lagrimas e situações apalhaçadas, para o riso. Helen Twelvetrees, com este trabalho, prova que é digna de ser "estrella" e de primeira grandeza. Lilyan Tashman, Joan Blondell, Anita Louise e Robert Ames têm bons papeis e desempenham-nos bem. Vale a pena ser visto. Uma direcção por demais mechanica e desinteressada faz delle um film commum em vez da "super" que poderia ter sido.

THE PAINTED DESERT (Pathé) — Um film do oeste americano sem nenhuma outra pretenção sinão divertir. E' um film até certo ponto fóra do commum, mesmo. Bill Boyd (do Cinema) é, mesmo, a sorte de viril individuo que convence num papel como o seu. J. Farrell Mc e William Farnum, como os dois proprietarios de sitios que vivem em constante luta, excellente. Helen Twelvetrees é a pequena. Você gostará.

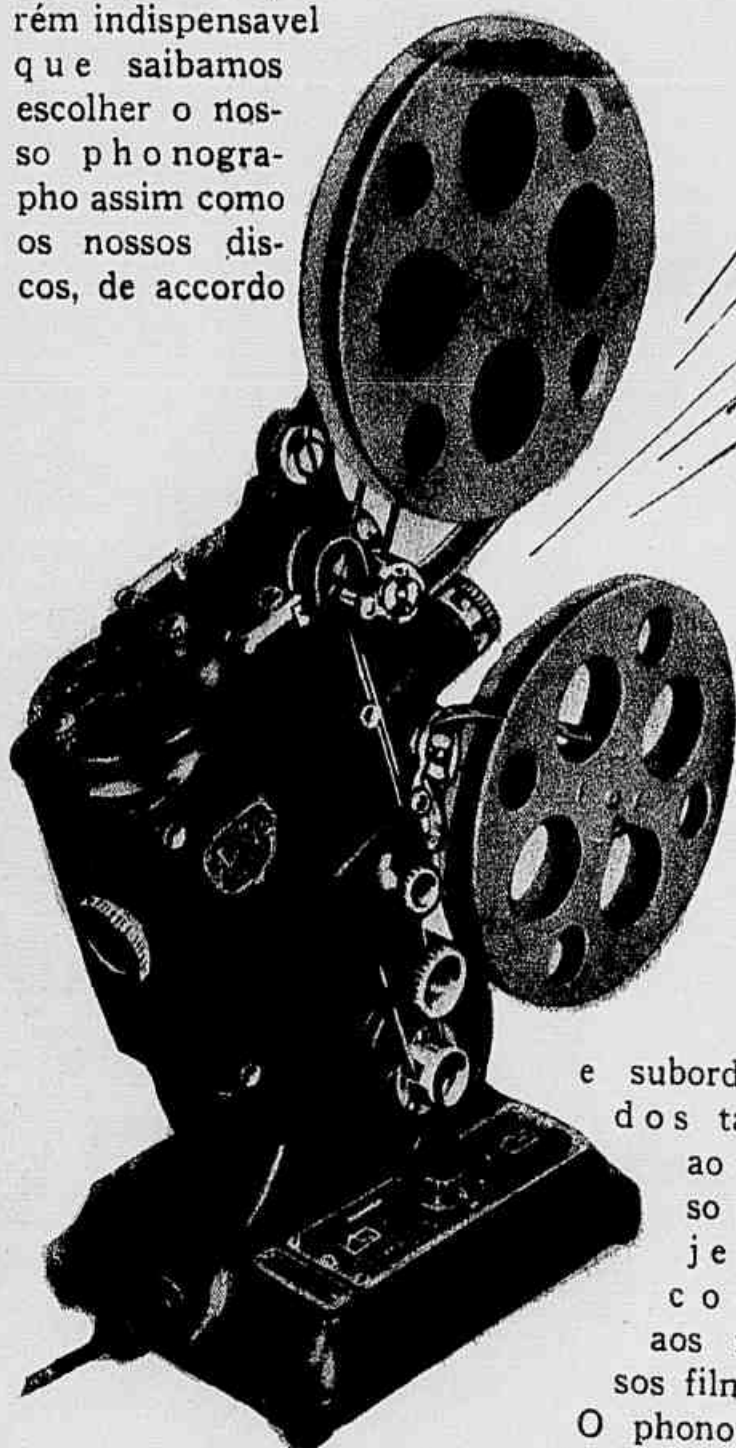
Cinema de Amadores

(Sergio Barretto Filho)

O APOIO DO PHONOGRAPHO

Vejamos.

Uma exhibição cinematographica no Lar produz sempre enorme successo, principalmente si o numero de espectadores não é muito grande, e não passa de meia duzia no maximo, porque, afinal, o Cinema de Amadores não foi idealizado para salões, e sim para salas pequenas, onde se ajunta o mesmo numero de amigos que se ajuntariam para uma partida de "poker". O numero exaggerado de espectadores difficulta a acção do exhibidor-americano. E como, por outro lado, ha um ponto que póde concorrer ainda mais com o seu auxilio para o successo da projecção, salvo no caso, aliás unico, de que o projector seja synchronizado com um desses apparelhos gravadores e reproductores da voz e do som, vamos demonstrar como o apoio desse ponto é real e util de facto ao successo da exhibição, assim como vamos mostrar que o numero reduzido dos espectadores é indispensavel á utilização desse mesmo ponto de apoio.

O apparelho que o representa é o phonographo. Um phonographo junto ao projector de amadores, numa sala do nosso lar, duplica o prazer da nossa exhibição. E' porém indispensavel que saibamos escolher o nosso phonographo assim como os nossos discos, de accordo e subordinados tanto ao nosso projector como aos nossos films.

O phonographo que mais se adapta á exhibição de um film, no Cinema de amadores, é o phonographo electrico, de motor electrico, reproduzindo o disco por intermedio de um "pick-up". Tal e qual como nos ultimos modelos dos projectores para amadores, aqui o operador não tem que se incommodar com o terrivel espantalho de uma manivella. E note-se: no projector cinematographico a coisa ainda era peor, porque o operador ficava jungido á tal manivella, durante toda a exhibição do film.

Agora, não. Com os projectores funccionando á electricidade, desde o apparecimento, no mercado, do "Kodascope", e pelo menos no que se refere ao nosso paiz, o operador fica livre para cuidar, durante a exhibição, do acompanhamento musical. E ninguem poderá negar que o acompanhamento musical seja realmente um apoio para augmentar o successo de uma exhibição de amadores no nosso lar.

Quando o amador prepara o seu projector, passando o film pela janella e encaixando-o na bobina vasia, depois que aperta o botão do motor electrico, esse projector fará tudo de per si. Ha os accidentes, sem duvida; mas esses accidentes não serão então occasionaes? O amador ficará livre para manejar o seu phonographo, reproductor electrico do acompanhamento musical para o film do seu dono. E si aquelles accidentes, aos quaes nos referidos acima, se repetirem mais de duas vezes durante a mesma sessão cinematographica, é que: ou o amador não soube tratar correctamente do seu projector, limpando-o e oleando-o frequentemente, ou o amador não soube tratar dos seus films, collando ou reparando os trechos em máo estado, ou então o amador se acha perseguido por um formidavel... azar!

No caso contrario, o projector vae correndo, o film vae sendo visto, e o amador só tem que tratar do phonographo. Este, não impede que o motor seja de molas; nesse caso, quanto maior o numero de molas, mais commodo será o apparelho ao operador, o qual não terá que se lembrar de dar corda ao motor, uma duas, e mais vezes, por film de 60 metros, approximadamente. Só terá que incommodar-se com o levantamento e o abaixamento do "pikcup" sobre o disco, e com a mudança do mesmo disco para a face contraria, quando não seja a substituição delle por outro. De qualquer modo, porém, o phonographo electrico, com reproductor electrico e com motor electrico, representará sempre o ideal, como fonte para o acompanhamento musical.

Só o disco preoccupa realmente o amador, nesta questão. Seria erro que não recommendaria o amador, si este se dispuzesse simplesmente a collocar alguns discos junto ao seu phonographo electrico, junto a uma "electrola", como os fabricantes os denominam, e esperasse que o film começasse. para então executar o primeiro disco á mão!

Não! A coisa não é assim tão facil como parece...

Antes de mais nada, precisamos considerar bem tres coisas, tres pontos sobre a escolha dos discos que devem ser executados. Primeiro, é o disco que deve ficar subordinado ao film, e não o film que se deve subordinar ao disco. Segundo, o mesmo disco não poderá ser executado mais de duas vezes seguidas. Terceiro, existe uma classe de musica, nos catalogos phonographicos, que se adapta melhor a cada classe de film, nos catalagos cinematographicos.

O disco tem que se subordinar ao film, isso todo o mundo está farto de saber. Nos tempos aureos do Cinema Silencioso, eram os chefes de orchestras, os conductores e maestros, quem escolhiam as musicas mais de accordo com o film que ia ser exhibido nos Cinemas onde funccionavam as suas orchestras, depois de assistil-o em sessões prévias, pela manhã

D'aqui mesmo do "CINEARTE", os nossos collegas da antiga secção de "O que se exhibe no Rio", transformada posteriormente n'"A Téla em Revista", já tinham demonstrado mesmo o criterio musical que o Cinema exige para a escolha do acompanhamento, durante a exhibição de qualquer film, criterio esse de que as nossas antigas orchestras não possuiam nem sombra.

O amador, porém, em regra quasi geral, possue sempre esse criterio. E por isso saberá subordinar os seus discos aos seus films *vendo* cada film até na propria imaginação, porque certamente já o assistiu mais de uma vez, e executando ao mesmo tempo varios discos que se subordinem melhor ao film. Dissemos porém, mais acima, que o nosso terceiro ponto era a classe de discos que mais se adaptavam á classe de films. O amador terá pois que analysar a que classe pertence o seu film, e então escolher para acompanhal-o, durante a sua exhibição, alguns dentre varios discos que pertençam á classe que mais se subordina á do seu film, conforme aconselha o terceiro ponto, o qual vamos analysar tambem, mais abaixo.

O disco não póde ser executado mais de duas vezes por uma razão simplicissima. E' que o trecho musical, escolhido para ser subordinado ao film, contém sempre *uma só idéa*, ao passo que o film encerra em si mesmo, devido á propria essencia da acção, *um milhão dellas*.

Um trecho musical de valor, "Murmurios na Floresta" da opera "Siegfrid", que pertence á "Tetralogia" de Richard Wagner, é maravilhoso para o acompanhamento de um drama sentimental. Dá-se porém o seguinte: o disco, ao ser executado, consome uns 10 minutos, no maximo e na melhor das hypotheses, porque o tempo normal para uma audição é de 3 a 7 minutos. E como o film de 400 pés, ou sejam, quasi 150 metros, dá 15 minutos bem contados de projecção, segue-se que um unico disco não é sufficiente para o mesmo rôlo, desde que esse rôlo seja da classe dos de 400 pés, em film de 16 mm., ou do typo dos de 100 metros, em film de 9 mm.. No emtanto, ao passo que durante os 10 minutos de exhibição, mesmo analysando-se o caso sem muitas restricções, a audição do disco termina, *depois de ter suggerido ao auditor uma unica idéa musical*, a exhibição do film continúa, *mesmo depois de ter dado ao espectador uma série bem importante de idéas concatenadas na acção, e que formaram a continuidade do film*.

Será de bom-senso repetir o mesmo trecho musical, agora que o espectador já o ouviu por inteiro? Não. Uma vez, passa. Duas vezes, na peor das hypotheses, ainda passam. Porém tres já são demais; se as scenas mudam, succedem-se, augmentam o interesse proprio, na tela, o acompanhamento musical continúa sendo sempre o mesmo. O accordo entre o acompanhamento musical e o proprio film, que nunca poderá chegar a ser perfeito, decahe cada vez mais; e assim continúa, até que o proprio espectador prefere vêr o film sem o apoio e o auxilio sempre util — isso ninguem póde

(Term. no proximo numero)

GILBERT ROLAND

Os meus sentimentos em relação a Constance Bennett, tenho convicção disto, apesar do seu *ar* superior e um tanto ou quanto convencido, são os mesmos que sentem todos os outros homens do mundo.

O caso do seu marido millionario, do seu divorcio, do escandaloso processo que ella moveu contra o mesmo e tudo o mais, é por demais conhecido de mim e de todos. Por isso é que citei, acima, o tal caso do sentimento...

As impressões que formulei a respeito della, entretanto, tambem confesso, foram formuladas antes de a conhecer pessoalmente. E' inutil querer saber sobre ella alguma cousa por intermedio de estranhos. E' necessario saber por conta propria, se quizer saber a verdade... E' preciso estudal-a, antes de mais nada. Entretanto, como pode ter alguma curiosidade contar o que notei, sobre ella, quando a vi, aqui vão as impressões que colhi ao seu lado,

Calma, ó Constance!

quando ha dias a entrevistei. O nosso encontro, cousa interessante, deu-se á porta de um Instituto de Belleza qualquer, perto de Hollywood. Haviam-me recommendado que arranjasse uma entrevista ou historia sobre Constance. O praso era justamente aquella tarde e, para não voltar sem ella, resolvi interpellal-a ali mesmo. Disse-lhe, em rapidas palavras, tudo quanto queria ouvir della e o quanto lhe tinha a dizer. Contei-lhe a respeito do praso que tinha, naquelle dia, para entregar qualquer cousa sobre ella e, dizendo-lhe que preferia offerecer alguma cousa verdadeira em vez de falsa, resolvi ouvil-a.

Ella me respondeu que naquelle instante estava realmente muito occupada. Iria gastar duas horas, ali, com certeza, lavando os cabellos, ondulando-os, em seguida. Terminou dizendo-me que se não temia a caceteação de um instituto daquella ordem e promettia não rir muito das situações em que ella ia ficar, poderiamos, então, perfeitamente conversar lá dentro, mesmo. Prometti-lhe tudo quanto quiz e que até a auxiliaria se o sabão fosse ter aos seus lindos olhos... Garanti-lhe, mesmo, que sentir-se-ia feliz se me tivesse ao seu lado, para auxilial-a naquelle *transe*...

Depois de todos os preparativos iniciaes, esperando eu calmamente a hora de ir ter com ella, para ouvil-a, fui finalmente ter á sua presença. Encontrei-a na ultima cabine, tirando o chapéo e apromptando-se para receber a visita das exigencias da belleza.

A belleza dos seus cabellos, a frescura da sua pelle eram cousas que encantavam. Sentei-me ali ao seu lado e estive a observal-a até que a visse em attitude de poder responder ás perguntas que tencionava fazer-lhe ou falar de cousas que queria ouvir.

Sentei-me numa cadeira justamente defronte ao seu rosto e disse-lhe que assim queria, realmente, porque não podia deixar de o contemplar cada vez com maior encantamento. Ella me respondeu, rindo-se, que dahi a instantes eu mudaria diametralmente de posição, quando o barro do tratamento começasse a ser jogado sobre sua pelle... Depois vi quando a encarregada ensaboou seu cabello e tudo mais eu tambem vi, com grande paciencia, paga, de sobra, com os sorrisos que ella me dava, de quando em quando e com as phrases que me dizia, soltas embora, mas cheias da sua immensa personalidade.

Foi neste ponto que entrou a *doutora* do instituto que, olhando-me de revez e pouco amiga, iniciou o seu conhecido e perfeito tratamento nos lindos cabellos e no admiravel rosto da *estrella*.

A conversa, mesmo, ia ficando no *tinteiro*. Eu a olhava. Pensava no marquez da Gloria Swanson. Na sua ansia de se tornar famosa. Na sua serie enorme de films que acabariam deixando-a extremamente nervosa, exhausta. Em uma serie de cousas que quasi me põe a gritar-lhe, ali mesmo. "Calma, Constance! Calma!".

Foi ahi que vi o supplicio que, para uma mulher, deve ser um instituto desses... Aquella mulher, tremenda humorista, com certeza, poz a *estrella* em todas posições imaginaveis, e, em seguida, poz-se a manejar de tal forma com ella que até tive medo que terminasse liquidando-a... Fel-a mais feia do que ZaSu Pitts. Mais assustadora do que Dale Fuller. Poz seus cabellos arrepiados. Tornou-a tremendamente sem graça... Suas mãos intelligentes, entretanto, agitando-se, sem cessar, iam operando o milagre, pouco a pouco, lentamente, mas com segurança.

Minutos depois, quando tornei a olhar para ella, era outra. Tinha, embora ainda não concluido, já o mesmo ar de soberania, malicia e graça que são os principaes caracteristicos de Constance...

Depois, trouxeram uma machina. Ligaram aquillo á sua cabelleira e começou, então, a ondulação *permanente* que todas as mulheres elegantes fazem de tres em tres mezes, com enormes rombos nos bolsos dos maridos... Naquelle instante, entretanto, eu estava longe. Pensava nos 250 mil dollares que ella diz gastar em modas, annualmente. E, principalmente, no caso do Marquez que ella, dizem, tirou de Gloria Swanson. Perguntei-lhe, nesse instante, se isso era verdade. Depois, vendo que a resposta demorava, perguntei como é que tinham tido a coragem de a publicar... Porque, afinal, ella á alguem dissera que aquillo era mentira e que nada daquillo ella falara e que, mesmo nada tinha a ver com o *monsieur* de la Falaise... Ella me respondeu, depois, que tinha sido atracada, em plena rua, por uma reporter, no *lobby* do hotel aonde se achava, em New York. Perguntou-lhe, em primeiro, o quanto gastava ella em roupas. Ella não gostou da pergunta e respondeu que, afinal, não era da conta de quem quer fosse. Como não quiz responder assim e parecer grosseira, respondeu "Muito!". E a jornalista, traduzindo *Muito!*, escreveu: 250 mil dollares por anno... E' logico que seus amigos acharam ridiculo e condemnaram. Quanto ao caso do marquez, disse-me ella, nunca o quizera tirar de Gloria que, ao contrario, muito admirava. Nem tampouco, tinha pressa de apparecer em films para conseguir uma popularidade immensa. Disse que trabalhava, com afinco, porque a arte seduzia-a e, assim, quanto mais trabalho, melhor.

— Até os nervos aguentarem!

Arrematou.

— E depois?

Perguntamos

— Depois...

Pensou.

— Depois... irei á um hospital. Tratarei delles e... voltarei, novamente...

Era sacrificio, sem duvida...

Constance depois falou-me do seu papel em *Common Clay*. Disse-me que não o achara feliz. Estava mal collocada, nelle e não se sentia á vontade. Mas o que lhe valeram applausos unanimes? Os vestidos... E eis porque ella delles cuida com tamanho carinho, com tanto desvelo...

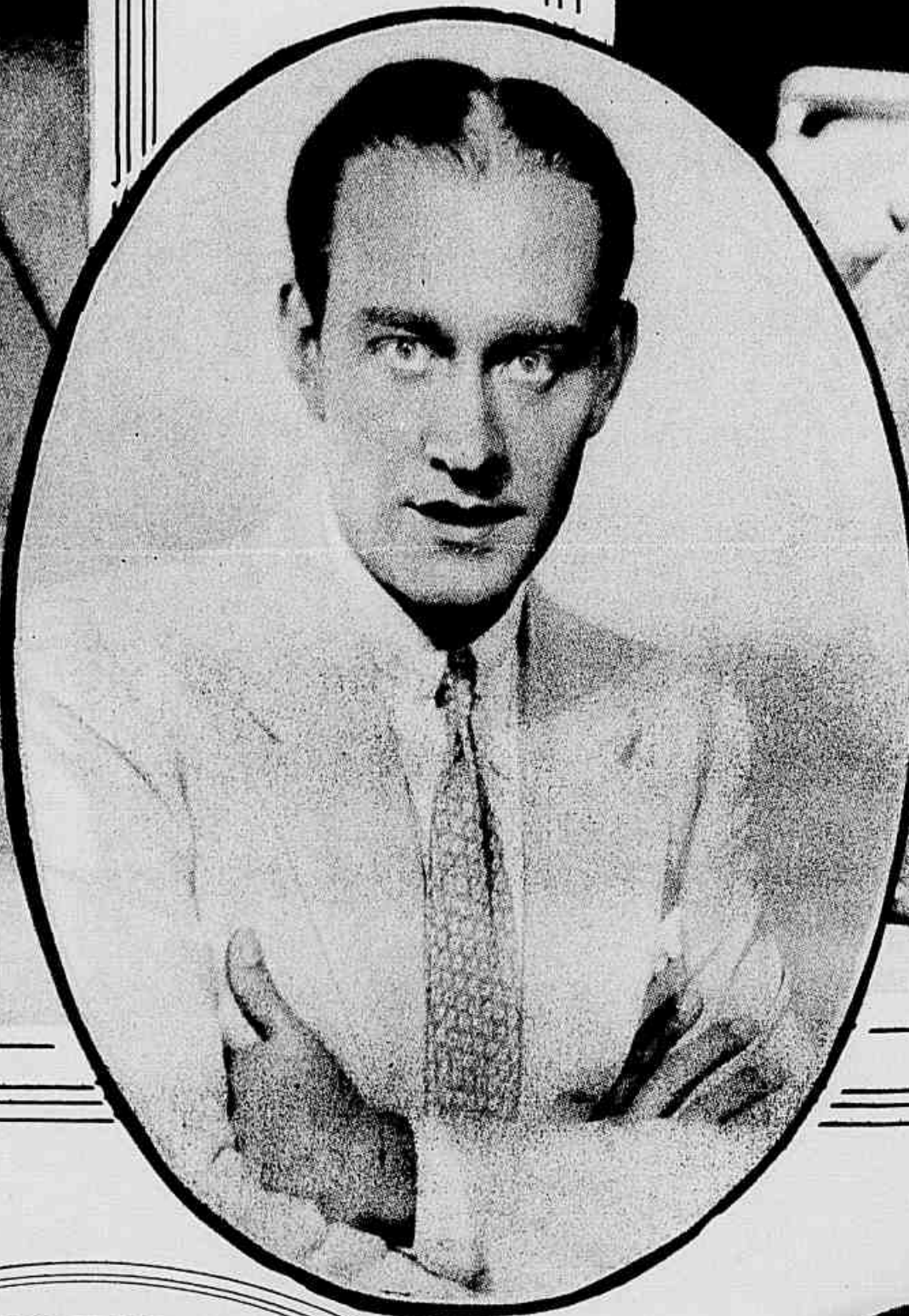
o

E foi isto tudo que ouvi della.

Sahi do instituto antes della. Deixei-a, justamente quando ia começar a tratar das unhas...

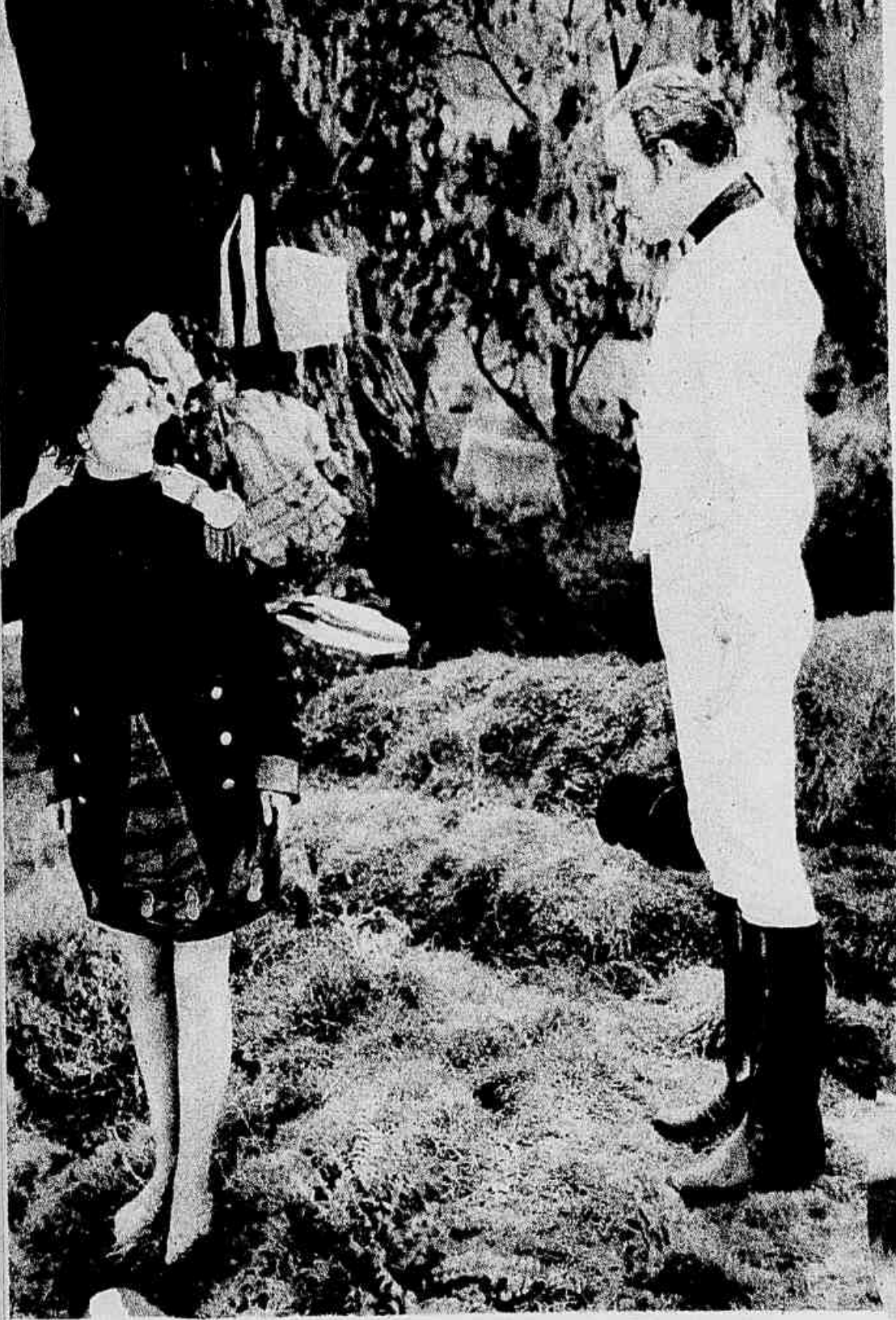
Longe della, tomando meu caderno de no-

(Termina no fim do numero).

Conrad Nagel

SE ELLAS SOUBESSEM DE UMA COUSA...

FALA EM TODAS AS REUNIÕES. FAZ DISCURSOS EM TODAS AS FESTAS. FALA A BEIRA DOS TUMULOS. TÃO BEM QUE CHEGA A AGRADAR QUANDO FALA NOS FILMS.

VIRAM O SEU DESEMPENHO EM "VENCIDA PELO AMOR"?

Du Barry,

(Este film não narra, exactamente, o que a historia conta como verdadeiro. E' mais fantasia do que *fiel narrativa historica*. E' Cinema, não é escola...)

———o———

Empregada da casa de modas Labille, de Paris, Jeannette Vaubernier é ambiciosa em todos os seus mais simples sonhos. Seus vestidos de tecidos baratos não lhe agradam. Ella os quer de sedas caras. Os enfeites baratos que a ornamentam, não lhe agradam. Interessam-lhe, isso sim, as joias e os finos brilhantes. O seu futuro não se limita á esperar um bom marido, um lar singelo, não. O seu futuro ella o quer risonho, muito rico, muito prospero, muito feliz...

Naquelle dia, levava ella uma encommenda á uma freguez, um chapéo vistoso e atravessava, para leval-a, um pequeno bosque proximo á cidade. Ao querer atravessar uma lagoa ali existente, falseando-lhe o pé, cáe ella á agua e sente-se presa pelo lodo do fundo da lagoa. Grita por soccorro. Mais de uma vez. Apparece, por fim, visivelmente desviado do seu caminho pelos gritos, Cosse de Brissac, garboso e invejado official da guarda real que a põe a salvo daquelle embaraço.

Sahindo do lago, vestindo parte da farda do moço official, Jeannette, afinal, encara-o. A sympathia que elle amana do seu rosto, a singeleza das suas maneiras e o seu olhar, principalmente, põem-na apaixonada, num simples relance.

Impulsiva, sempre, confessa que elle lhe desperta uma grande sympathia. Amor, mesmo... E quando os labios de Cosse vão procurar os seus, ella não os regeita: acceita-os com o mais ardoroso dos beijos, em resposta...

Tornam-se namorados e juram um eterno affecto.

———o———

Jean Du Barry, fidalgo pertencente ás celebres reuniões de Madame La Gourdan, anda, avido, á procura de um rosto bonito, novo, que faça sensação no intimo da sociedade que frequenta e que possa tornal-o invejado pelos outros homens e cobiçado, assim, pelas demais mulheres. Por acaso visitando a loja de Labille, vê Jeannette e a sua belleza promptamente o fere fundo. A sua resolução é rapida...

———o———

Naquella tarde, pouco antes de fechar a loja, Jeannette recebe a visita de Cosse de Brissac. Apaixonados, sempre, promettem um encontro aos corações moços e ardentes e, assim a mãozinha de Jeannette vibra quando Cosse a beija, furtivo e retira-se para esperal-a, no local combinado. A scena, entretanto, é vista por Jean Du Barry que ali se acha para sondar as possibilidades de conquistar Jeannette. Approxima-se do balcão, compra um riquissimo chapéo e o faz, naquelle momento, com a condicção de ser immediatamente entregue na casa de Madame La Gourdan. E' que elle já sabe que não estão mais ali as entregadoras e, assim, Jeannette é forçada a leval-o.

De facto, as cousas tomam o rumo que Jean imaginou. Jeannette vae fazer a entrega da compra e é recebida em pleno coração daquella aristocratica moradia.

— Já se vae!?...

Era a voz de Madame La Gourdan, devidamente instruida por Du Barry.

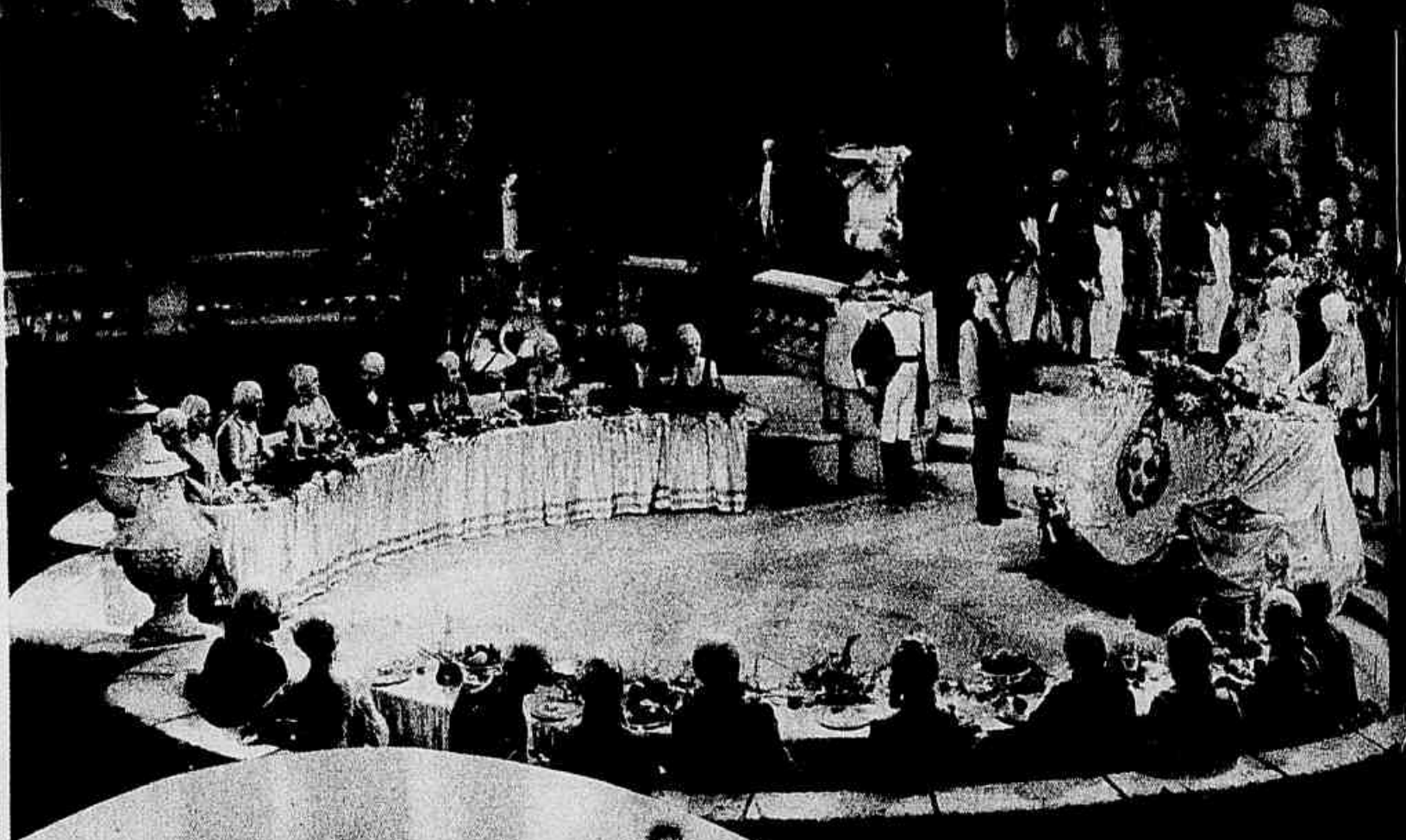
— Já, sennora minha...

— Queria que ficasses.

— Para que?

— Para assistires uma das minhas reuniões como convidada de honra...

— Jeannette recuou. Sonho não era, bem sabia. Mas a proposta parecia-lhe demasiadamente extranha.

— Está troçando, senhora, com toda a certeza...

— Digo - lhe que não. Acceita?

Jeannette pensou. La Gourdan approximou-se della. Em poucas palavras resumiu a proposta de Du Barry. Não havia amor, nella, com certeza, porque elle era um quarentão extremamente gasto e inutil. Mas havia joias, conforto absoluto, sedas, vida aristocratica e um futuro realmente promissor diante de si.

O pensamento, dentro della, saltou rapidamente pelos galhos todos da consciencia.

A Seductora

(DU BARRY, WOMAN OF PASSION) — FILM DA UNITED ARTISTS

NORMA TALMADGE	*Jeannette Vaubernier, mais tarde Madame Du Barry*
Conrado Nagel	*Cosse de Brissac*
William Farnum	*Louis XV, Rei de França*
Hobart Bosworth	*Duque de Brissac*
Ulrich Haupt	*Jean Du Barry*
Allison Skipworth	*La Gourdan*
E. Allyn Warren	*Denys*
Edgar Norton	*Renal*
Edwin Maxwell	*Maupeou*
Henry Kolker	*D'Aiguillon*

Director: — SAM TAYLOR

Depois, apagando-a, como inutil, pousou no galho da ambição e deixou-se ficar... Cosse de Brissac nem siquer habitava mais a mais simples parcella da sua recordação. Do encontro daquella noite, então, nem siquer tinha a menor idéa, naquelle instante...

—o—

Transformada por uma turma de criadas, preparada com esmero e capricho, Jeannette Vaubernier apresentou-se aquella noite mesmo á aristocracia parisiense na residencia de Madame La Gourdan. Num instante, diante de si, teve olhos de principes, avidos, sorrisos de duques, maliciosos, signaes de duques, ardentes, todos elles traduzindo, em lampejos constantes, brilhantes, rubis, carruagens, sedas, casas e muito mais, talvez...

—o—

Tempos depois, arrenpendida com o despreso votado a Cosse, ella tenta approximar-se delle. Mas é amante de Du Barry. Não é mais Jeannette Vaubernier, a Jeannette que elle conhecera tão pittorescamente e que tão depressa o amára, com enthusiasmo moço... Era tarde. Jeannette sente que o recuar é inutil. Encara decidida e firme os projectos do futuro...

Uma noite, numa recita da opera, o Rei, Louis XV, conquistador mais perigoso de toda a França, a vê. Admira-a, longamente, com suas lunetas de grande alcance... Depois, sem mais relutancia, decide que será sua, no menor espaço de tempo possivel. Seu rosto, seus braços, suas mãos, seus olhos... Não era preciso mais! Era a perfeição que tinha diante dos olhos. E é Lebel, seu secretario confidencial que vae tratar o encontro que Sua Majestade tanto quer...

—o—

Na proxima reunião na casa de Madame La Gourdan, Cosse tambem comparece, todo admiravel no seu uniforme de gala. Jeannette sente, naquelle instante, que ainda o ama e muito. Tudo fôra fantasia. Assim que teve tudo quanto sua ambição sonhára, viu, desolada, que só ficava, mesmo, de tudo, o tempo feliz que passara nos braços de Cosse, ouvindo-lhe as sinceras declarações de amor. Ali mesmo, em intervallos não percebidos pela malicia aristocratica, elle lhe diz tudo quanto sente e tudo quanto pensa a respeito da sua infelidade para com elle e da sua deslealdade, tambem. Ella não retruca e nem reage. Acceita as suas palavras, humilde e apaixonada.

Vendo-a assim, mais linda do que nunca, Cosse não resiste. Diz-lhe tudo quanto sente.

— Se ainda me tens amor, Jeannette, casar-me-ei comtigo apesar de todo o passado. Quero que sejas minha, como esposa, como compartilhadora de alegrias e tristezas. Queres? Fujamos! Para um local bem distante, bem quieto, bem só. Lá viveremos felizes...

Ella não respondeu. Beijou-o, ali mesmo, sem que ninguem os visse e prometteu-lhe, ao ouvido, surdamente, que sim. Elle que a esperasse.

—o—

Tudo arrumado, fuga preparada, Jeannette é surprehendida pela subita apparição de Du Barry.

— Aonde vaes?

— Para a companhia de quem amo.

— E por que?

— Porque tudo isto já me cansou, já me enojou o sufficiente...

— E teu futuro?

— Elle cuidará delle...

(Termina no fim do numero).

Idyllio á

Jogo de "rugby" dos tempos em que automovel era peccado...

(THE FLORADORA GIRL) — FILM DA M. G. M.

MARION DAVIES	*Daisy*
Lawrence Gray	*Jack*
Walter Catlett	*De Boer*
Louis John Bartels	*Hemingway*
Jed Prouty	*Dell*
Claude Allister	*Rumblesham*
Sam Hardy	*Fontaine*
Nance O'Neil	*Mrs. Vibert*

Director: — HARRY BEAUMONT

O sexteto Floradora, naquella epoca, era o mais afamado, o mais popular e o mais "procurado" pelos admiradores de "girls". Delle, entretanto, a unica que não tinha "pequeno" e nem "grande", era Daisy, uma loirinha interessante e curiosa, que, entretanto, já não podia mais esconder, de quem quer que fosse e principalmente de suas curiosas collegas, a sua secreta paixão por Jack Vibert, um rapaz de grandes meritos... nos cabarets de New York...

Não havia, nada, mesmo, que conseguisse distrahil-a. Passeios, algazarras, piadas, musica, bebidas, nada! Era aquelle pensamento fixo em Jack Vibert e delle ninguem atirava, quizesse ou não.

Este, ousado e conquistador, não foi insensivel á paixão daquella loirinha que todos procuravam, que todos queriam mas que todos respeitavam, acima de tudo. E, assim, quando elle lhe olhou e sorriu, atirou aos pés, aos seus pés de ouro, a felicidade unica que desejava, na vida: ser amada por Jack Vibert...

———o———

Exagerada nos seus affectos, atirada nos seus sentimentos, Daisy dá a Jack, entretanto, uma impressão errada sobre sua honestidade e elle, comprehendendo que ella o seduzia, mercenariamente, como muitas com as quaes havia tropeçado, na vida, nada mais faz do que lhe offerecer um sumptuoso appartamento em plena avenida, mas... sem seu pae...

———o———

Depois da proposta, Daisy e Jack encontram-se num baile. Sempre impetuoso, Jack faz-lhe uma violenta e apaixonada declaração de amor e ella cede aos impulsos dos olhos moços delle e dos carinhos gostosos que elle sabia dizer como ninguem mais. Era, porém, bem curta e bem ephemera toda sua illusão. E' verdade que Jack já a comprehendia e verdade, principalmente, que Jack perdera, num instante, todas as suas más intenções para com ella, dedicando-lhe, então, o mais fervoroso e sincero dos affectos, disposto, mesmo, a se casar com ella se ella o acceitasse como esposo.

No dia immediato, entretanto, a mãe de Jack procura-o e lhe expõe, claramente, a situação. Nas corridas ultimas tendo o animal das coudellarias Vibert perdido, havia ella ficado na penuria e, com ella, Jack e os demais membros da familia. Era forçoso, portanto, que elle acceitasse um casamento rico, na alta sociedade, para que se re-equilibrassem as finanças daquella linhagem dos Vibert. Sua familia, disse-lhe a velha, não estava acostumada a viver mal e, assim, se elle a quizesse apenas um pouco, não permittiria que se fosse essa opportunidade de re-erguel-a, ainda que o motivo fosse uma paixão séria por uma bailarina de theatro popular... E, com a reticencia maldosa da phrase, amesquinhava todo aquelle amor sincero e todo aquelle delicado sentimento que era a maior satisfação para ambos os jovens que tanto se queriam.

Para convencer a Jack que ella não mais o quer e, assim, entregal-o ao casamento que o espera para salvar sua familia da ruina, Daisy resolve acceder ao convite de um novo rico sem grandes escrupulos, um tal Foitaine e, com elle, a passeio, sahe para melhor mostrar a sua situação a Jack e, assim, desilludil-o de vez dos seus sérios intentos para com ella. Fontaine era jogador, além disso e desmoralizado. A humilhação faria com que Jack a esquecesse e, assim, poderia ella estar tranquilla sobre o futuro delle e da sua familia. O della?!... Ora! Naquelle instante era uma cousa que bem pouco lhe importava...

Beijo ou golpe?...

Jack, vendo-os juntos, entretanto, não se conforma com aquella situação. Acompanha-os para o café Bowery. Lá, diante de Fontaine,

"Muito prazer, em conhece!-a..."

Figurinos para os tempos actuaes...

O sexteto "Floradora"

O "pae" de Ford...

elle insiste vehemente com ella para que abandone aquella fingida orgia e que o acompanhe para se casarem. Ella, sempre firme nos seus honestos intentos de sacrificar-se por elle, vendo, ainda, que é completamente inutil tentar convencel-o, resolve-se e, fazendo-se alegre, mais alegre do que jamais fôra, em toda sua vida, dá um arranco, domina seus nervos, assassina brutalmente todos os seus mais delicados sentimentos e, num gesto brusco e canalha, atira-lhe com um copo de vinho pelo rosto e lhe grita, bem alto, para que todos ouçam e principalmente a sua alma sensivel escute e se magoe, profundamente:

— Sáe-te, pobretão! O que eu queria de ti era o dinheiro. Não o tens mais, não é?... Vae-te! E que nunca mais me appareças no caminho...

Jack, tonto, apalermado, não quer acreditar no que vê, no que ouve. Elle sempre conhecera uma outra

Daisy, uma Daisy de bons instinctos, de bom caracter, de genio bom. Uma Daisy que o amava e que o queria muito... Aquelle gesto, desesperado e violento, canalha e offensivo, era demais para seu sentimento já tão abatido. Retira-se, assim que comprehende o seu ridiculo e vae esconder, no collo de sua mãe a sua vergonha e a sua dôr.

— Ella despediu-me, mamãe, como se despede a um cão. Via-a, sobre os joelhos de um ordinario, um tal Fontaine, jogador que todos conhecem. Via-a bebendo, em sua companhia... Interpellei a' Sabes o que foi que ella fez, o que foi que ella disse?... Atirou-me um copo com vinho em pleno rosto minha mãe e crucificou-me com a violencia brutal das

E ainda ha gente que fala nos bons "tempinhos" que se foram...

suas palavras... Não quiz acreditar! Os risos de todos, os risos de Fontaine, aquelle canalha!!! Fizeram-me voltar á realidade e crer...

A senhora ouviu aquillo. Ella sabia porque é que Daisy fizera isso e porque é que Daisy assim se sacrificára. Ella propria, no camarim de Daisy, pedira-lhe esse sacrificio. Tocada no coração, bem no fundo, pela dedicação nobre e elevada daquella creatura que pensava vulgar, ella não resiste. Responde ao filho:

— Filho! Daisy ama-te! Eu é que lhe pedi que te desilludisse, que te humilhasse, para que voltasses á mim e para o casamento rico que te queria dar. Meu filho, ella é a unica mulher, no mundo, que acho realmente digna de ti!

Jack não crê no que ouve. E' muita felicidade que o engolpha Sem mais palavras, pois as lagrimas impediam de dizel-as, elle corre em demanda do theatro aon-

"Apresento-lhe Mr. Fontaine". "Aqui, Miss Daisy".

"Pic-nic"...

Olha o pézinho della!!!

de o sexteto "Floradora," a loucura da moda, exhibe-se. Sem se poder conter, ainda nervoso, elle é mettido no meio dos rapazes que cantam com o sexteto o numero *Tell me Pretty Maiden* e, para alegria da assistencia e profunda commoção de Daisy, elle estraga todo o numero, em esthetica, mas eleva-o em graça... Quando o sexteto retira-se do palco, Jack apanha Daisy ainda atraz de um bastidor e, nervoso, prega-lhe um tremendo beijo. Depois, antes que ella tenha tempo para falar, agarra-a, condul-a para o carro que a espera e dirige-se á pretoria.

Casados, minutos depois, consegue ella falar. A unica cousa que diz, entretanto, a unica, pois não pode tirar os olhos da sua alliança querida, é esta: — Oh, Jack! Oh, Jack! Se você soubesse como eu o amo.

A Resposta de Clara Bow

O n.° 256 de CINEARTE publicou uma carta da jornalista Cinematographica americana, Adele Whitely Fletcher dirigida a Clara Bow e contendo, ella toda, conselhos os mais sensatos. A "estrella" dos escandalos e casos amorosos, ainda recentemente envolvida num complicado "caso" com a sua secretaria Daisy De Voe, resolveu responder. E' essa resposta que abaixo apresentamos.

\+ + +

"Estimada Miss Fletcher: —

Hontem, quando eu me "maquillava" e preparava pára a filmagem, entrou-me pelo camarim um rapaz do nosso departamento de publicidade e entregou-me um exemplar da revista que continha, impressa, em letras de titulo bem garrafaes, a sua "carta aberta a Clara Bow". Era trabalho seu e, para maior ironia, era uma carta que eu recebia tambem ella (a carta), em titulos de escandalo, bem grandes... Li todinha. Acceito tudo quarto você disse de mim e, principalmente, porque disse cousas sympathicas e amigas que o mundo não sabia e que precisava saber.

Gosto da franqueza. E', mesmo, a qualidade que mais aprecio. Você nem siquer a disfarçou com o assucar do sophisma. Não importa: sempre foi franqueza! Aqui está minha resposta. Não é explicação e nem desculpa: é apreciação ao seu trabalho, apenas.

Ha muitos annos que não temos um encontro e nem uma conversa, não é verdade? Houve occasiões, mesmo, em que pouco nos importavamos com o que dissemos uma á outra. Não haviam dictaphones para gravar o que diziamos e nem, muito menos, importante era o meu nome, naquelles tempos em que eu me apresentei ao concurso que sua revista levava a effeito e ao qual eu arriscadamente me inscrevêra. Disse você que achou uma "felicidade" ter eu apparecido pessoalmente com aquellas photographias porque, caso contrario, talvez não fosse eu a escolhida para vencel-o e, assim, não teria entrado para o caminho de "estrella" que hoje trilho. Acho, entretanto, que não foi tão "feliz" assim esse meu passo...

Já tenho sido induzida, mais de uma vez, a achar mesmo, que esse foi o momento mais "infeliz" da minha vida e não o mais "feliz" como suggeriu. Desde que o fiz, supporto aborrecimentos sem conta e sem nome. Não me posso conformar facilmente com certas cousas da vida. A fama, então, é a cousa mais engraçada que já tenho visto, em minha vida. Não a supporto mais! Dizem que ella faz qualquer pessoa intensamente feliz. Porque é que logo que a consegue, então, precisa essa mesma pessoa lutar tanto e com tamanha furia para não sossobrar diante da "felicidade?..." Dizem, outros, que significa dinheiro e, com este, o poder de se fazer o que se quizer e ter, tambem, o que se entender. Eu tambem pensava assim. Mas as cousas não têm sahido na medida desses meus pontos de vista errados... Consegui saber isso, depois que venci aquelle concurso e de simples Clara Bow que era, tornei-me CLARA BOW, conhecida pela publicidade e por ella lançada aos quatro ventos... Não tenho tido, depois disso, mais socego de espirito algum!

Se eu não me tivesse apresentado áquelle concurso com minha photographias de dollar e tanto, talvez, hoje, eu tivesse permissão para conhecer quem eu quizesse e para fazer o que entendesse, igualmente e, principalmente, negocios particulares, de minha vida, seriam totalmente affastados dos cabeçarios dos jornaes diarios, escandalosos como têm apparecido, ultimamente, envolvendo em lama o meu pobre nome.

Você disse que me achou cretina por ter permittido esse uso sensacional do meu nome.

Eu não quiz ser c r e t i n a. Eu quiz ser humana, apenas. Não acho, sinceramente, que o que tenho feito, na vida seja, afinal, tão differente do que fazem, diariamente, milhares de outras pequenas como eu, da minha idade, do meu temperamento, do meu sangue.

E' possivel que não tenham sido sabiamente escolhidos os meus amigos. Mas, em amisade, quaes são os homens e as mulheres que não têm tido suas desillusões, tambem? Eu os estimei, aos que me trahiram, não pelo que elles eram e, sim, pelo que elles poderiam ser se fossem sinceros e realmente me quizessem bem.

Tanto quanto me permitta a publicidade que de mim fazem, quasi toda falsa, eu sinto que sou humana, como todas as outras, commum, cheia de desejos humanos, communs, tambem. Não tenho, mesmo, nada que seja realmente digna da primeira pagina de um jornal, em letras garrafaes, escandalosas...

E', realmente, tão importante o facto de ter eu escolhido um falso amigo e, tambem, estar sendo usada para fins commerciaes mais do que para fins pessoaes? Francamente: se fosse eu a editora de um magazine ou um jornal e me viessem dizer, correndo: "Clara Bow arranjou *mais um* pequeno!". Eu responderia, sinceramente, com toda a fleugma. "Mais um?! Com os diabos! Que assumpto monotono. Dê uma linha ou duas, na sessão de Cinema, annunciando o facto... Se eu fosse editor, então, eu diria, em resposta: "Vamos! Dêm uma opportunidade ao menos á creatura para que ame, ao luar, em vez de amar nos bastidores, como exige sua carreira..." Depois, quem se importa com isso? Apesar de me dizerem que a curiosidade do publico é enorme, incommensuravel, mesmo não posso crer que esse mesmo enorme publico se vá preoccupar com cousa tão sem importancia quanto "mais um namorado de Clara Bow"...

Odeio a publicidade. Detesto ler meu nome em letras gordas, em qualquer primeira pagina. Jamais rendi preito de homenagem á publicidade, fazendo, em Hollywood, apenas o que ella aconselha. Descrevem tudo, até meus mais novos vestidos. Não compro um "yacht" e nem uma casa em Beverly Hills. Não dou festas. Só para evitar que se diga qualquer cousa da minha vida. A luz do reflector da publicidade, entretanto, alcança-me por toda a parte e é, mesmo, o "azar" negro da minha vida...

Acho, agora, que o unico meio para escapar á notoriedade, em Hollywood, é arranjar leis que nos guiem satisfactoriamente na nossa conducta. Se você permanecer demasiadamente proxima á turba, arrisca-se a ser engolida por ella. Fazer o que todos os outros fazem é rotina da mais desprezivel.

Tudo accontece, na minha vida, justamente porque eu me recuso a fazer aquillo que toda Hollywood faz. Eu não me sinto feliz voltando á minha casa, depois do meu trabalho e, sem outra preoccupação, enfiando-me em roupas apertadas, apesar de distinctas, para passar horas e horas, até alta madrugada, mesmo, no meio da "sociedade", só porque é "chic" frequentar este ou aquelle "café" e distincto este ou aquelle ambiente. Prefiro descançar e dormir. Não gosto de todos os films e nem de todas as peças. Bem por isso não acho que seja necessario comparecer á todas as "primeiras" que se dêm em Hollywood.

Conhecendo-me, em grande parte, atravez dos titulos em maiusculas que os jornaes imprimem, a meu respeito, você não saberá, com certeza; e não accreditará, muito menos; quando lhe disser que levo das vidas mais pacatas e quiétas que já levaram "estrellas" quaesquer do firmamento Cinematographico americano. E' verdade, digo-o com honestidade. Se bem me lembro, até hoje compareci apenas á uma recepção no Mayfair e, isto, ha 3 ou 4 annos, já. Só estive uma meia duzia de vezes no Embassy Club e Cocoanut Grove. Agora, diga-me: como é que uma moça que assim procede consegue ir para as primeiras paginas dos jornaes, a todo instante, por qualquer motivo? Dou syndicancia da minha vida á você, se quizer e garanto-lhe que não provará o contrario.

Acham-me muito engraçada, muito espirituosa nos meus "escandalos". Eu é que acho graça! Palavra!

Não tem razão no que disse respeito de joias e luxo que eu pareço "ambicionar". Não tem razão no que disse a respeito de minhas joias, pois realmente tenho algumas, cantal-as-á você em dois segundos, tantas são ellas...

(*Termina no fim do numero*)

Clara Bow

GENTE DE HOJE VIVENDO FIGURAS DE OUTROS TEMPOS...

"SALOMÉ" GLORIA SWANSON

MARY PICKFORD
E
ALAN FORREST EM
"DOROTHY VERNON OF THE HADDON HALL".

RICARDO CORTEZ *ROMEU* E BETTY BRONSON *JULIETTA*.

"ROMEU" BEN LYON...

"LADY GODIVA" DE UM FILM SEM IMPORTANCIA. HOJE EM DIA ESTA FANTAZIA SERIA IMPOSSIVEL...

Joan!

NEM E' BOM PENSAR...

MÃEZINHA... DIZEM, SERA' VERDADE JOAN? QUANDO E' QUE A CEGONHA CHEGA?

Oh!!!...
Eu quero é
Joan Crawford!...

GOSTO DE
LEGENDAS
ASSIM...

GAROTA MODERNA
NOS FILMS.
EM CASA
NÃO E'
FORA DE MODA,
MAS E'
INTELLIGENTE...

A DIFFERENÇA E' QUE O DOUGLAS FILHO E' CASADO COM JOAN...

O Unico Amor de

Na tela, no dia daquella exhibição, eu vira uma mulher, rarissima, que sabia viver as paixões as mais consummidoras. Eu cheguei a esquecer tudo que me rodeava para ir viver a historia, junto della. Deixei-me absorver pelo film, tanto quanto me deixo absorver por uma melodia predilecta. Foi um deslumbramento! E o film era aquella mulher apenas...

Não tive, nesse dia, tempo para prestar grande attenção á historia e nem siquer poderia dizer, mesmo, se a apreciara ou não. Era aquella personalidade que eu via e que me interessava. Era uma cousa que sentia, nesse dia, como se fosse um espectaculo de tempestade, visto do cimo de um morro bem alto ou um julgamento nervoso, importante, cheio de accidentes. Acompanhei-a, sem respirar, quasi, atravez sua vida, seus soffrimentos, seu amor, o film todo. Seu corpo acompanhava seus olhos preciosos. Mulher má? Mulher boa? Como saber?.. Era um ser humano, entretanto, agitado, todinho, pelo destino. Uma personagem de fogo, amorosa, dynamica, enganada pela vida, digna de pena, seductora no menor movimento, na menor contracção facial. Correcta ou errada, alguma cousa admiravel que ha muito eu não via igual. Os seus suspiros, dei com ella. Os seus soffrimentos, padeci ao seu lado. Fez-me acreditar na mulher que viveu no film...

Agarrou Gary Cooper e arrastou-o o tempo todo, o film todo, a seus pés. Tornou-se possivel, dentro de toda aquella fantasia...

O que mais aprecio, no Cinema, é uma *personalidade*. Aliás, na America, o costume é mesmo esse: glorificar *personalidades:* politicas, commerciaes, athleticas ou artisticas.

Gosto, entretanto, de analysal-as, tambem, pelos seus verdadeiros nomes, sem subterfugios. A apresentação de uma *personalidade*, no Cinema, entretanto, não é *representação*. E' *apresentação*.

Amo a representação. Nada ha, tambem, que tanto me engolphe num film. Gosto de vel-a.

Apesar disso, entretanto, tenho constatado que, na maioria dos casos, as *personalidades* matam as *artistas*. Isto é: com *personalidade*, ainda que pouco represente, uma *estrella* consegue victoria completa e com representação, mesmo, só se for tambem dona de *personalidade*...

Marlene Dietrich é das raras que são *personalidades* e são *artistas*, a um só tempo.

Na minha opinião, mesmo, tomo-a como uma grande artista. Ella será o maior idolo das platéas *yankees* e disto tenho plena convicção.

Não fazia fé em nada disso e ella, para mim, era alguem que entrava para explorar uma *personalidade* já aqui existente e, portanto, previamente morta. Quando vi *Morocco*, entretanto, mudei de opinião, radicalmente. Quando a encontrei e quando lhe falei, pessoalmente, ahi é que minha opinião se refez, integralmente.

Sensação identica, ha annos, senti eu quando pela primeira vez apertei as mãos de Pola Negri. Ella abalou Hollywood e mostrou o que era *representar* em Cinema. Agora, com Marlene, confesso que minha sensação foi muito maior, muito mais violenta. Depois que me levantei da cadeira da agencia que me mostrára o film, em exhibição especial, eu tinha a mesma impressão que tive depois de assistir *Madame Du Barry* de Pola Negri. Fiquei abalado, nervoso, agitado e já temendo o dia do nosso encontro pessoal.

o

O Studio da Paramount, sabendo-me pouco enthusiasmado por *estrellas* ou *astros*, achou que havia qualquer cousa anormal quando me viu sahir da sala de exhibição, tonto, atrapalhado e pensando em cousas distantes. Quando voltei á mim, disse:

— Acabo de assistir ao film de uma *grande* artista!

Cinco minutos depois, apresentavam-me á ella. Depois da nossa conversa, immediatamente travada, considerei-a ainda muito maior do que no film.

Falando commigo, naquelle instante, era ainda mais *artista* do que no film. E era isto que eu apreciava, que eu idolatrava em silencio. Naquelle momento, ao meu lado, Marlene era tanto daquella violenta mulher, fascinante e cynica, de *Morocco*, quanto a grande Duse quando deixava de representar o seu papel de *Dama das Camelias*.

Marlene...

Para mim, Duse foi a maior das *artistas* viventes. Sempre senti, immenso, ao ler alguma comparação com a incomparavel Eleanora. Digo, eu proprio, que sempre abominei essa comparação, que Marlene não é identica a Duse. E' ainda *maior* do que ella. E muito mais formidavel, ainda!

Ainda estava nervoso, agitado, quando me encontrei com Marlene Dietrich. Aqui está o observei com ella, em seguida.

—————o—————

Conversamos uma tarde toda, com intervallos em que ambos falavamos e riamos. Conversemos sobre crianças. Tel-os, crial-os e amal-os. Jamais encontrei, em minha vida, alguem que mostrasse tanto amor a crianças quanto Marlene! A mais orgulhosa das mães e a mais saudosa dellas, sempre com uma lagrima a cahir quando falando disso...

— Queria ter doze! Ainda moça, eu pensava numa grande mesa. Nas pontas, eu e meu marido. Pelos lados, toda uma immensa prole. A's vezes detesto ser artista. E' muito difficil. Na America, já notei isto, tem-se filhos como se nada fossem ou representassem. Norma Shearer, por exemplo, tem uma criança e isto nem siquer é dito. Eu?... Emquanto esperei, nada fiz a não ser cuidar do que a esperaria, quando nascesse. Respirava com cuidado, com medo de que isso a fizesse mal. Sempre pensava na minha criança e nada mais podia fazer ou pensar que não fosse voltado para ella. Até seis mezes eu mesma amamentei minha filhinha e criei-a. Aqui na America, eu sei, as mães não as amamentam e são estranhas que dellas cuidam desde pequeninas. Eu não tive forças para fazer isso. O medico aconselhava-me a mamadeira. Eu sempre fui contraria á isso. Queria demasiadamente bem á minha querida filhinha.

Emquanto ella falava, eu a estudava. Ficava mais e mais surpreso. A sua apparencia, o seu todo, são extremamente simples. Sua expressão é sempre sincera e suas maneiras graciosas e quasi acanhadas, ás vezes. Muito pouca pintura no rosto e, notei isto, porque ha muito que não via uma mulher assim celebre com tão pouco cuidado comsigo propria. Seu vestido era extremamente fino, extremamente elegante. Mas a sua elegancia era differente das americanas e não tinha aquelle cunho *standard* que distingue as nossas mulheres. Não usava maneirismos, no falar e nem recursos. Uma voz profunda, bellissima, sem accento algum e estando ella ha apenas oito mezes nos Estados Unidos, se bem que já soubesse falar inglez. E' uma mulher alta, bonita, fortemente constituida e elegantissimamente jogada sobre umas pernas bem feitas, mais finas do que cheias, dona de mãos preciosamente expressivas.

Eis o que ella é. E' tomal-a ou deixal-a. Ella tem esperanças que todos a estimem e que todos a queiram bem. Seus modos, para conseguir isto, entretanto, não são nem conciliatorios e nem antagonicos. São simples, sinceros, naturaes.

E' bem isto o que ella é. Uma allemã joven, simples, sincera, natural. Cheia de saude, muitissimo bem educada. Fina, mesmo. Sua bocca é admiravelmente linda. Sua pelle, muito clara, dá maior e mais accentuado relevo, ainda, aos seus olhos admiravelmente azues. Seus cabellos são mais afogueados do que loiros. Qualquer um a chamará de linda. Eu a achei admiravel!

— Não imagina o quanto sinto saudades de minha filha! Aqui, sinto-me extremamente só, abandonada. Eu, ás vezes, penso em não ficar mais. Agora, approximando-se o meu periodo de descanso e ida para Berlim, consequentemente, não tenho nem mais socego para dormir, tão fortes e tão enormes são as saudades. Gostaria de ver o retrato della? Tenho pequenos, apenas. Os grandes estão no meu quarto de dormir. Quando for á minha casa, em Beverly Hills, procure-me que lhes mostrarei, sim? Tenho lá, ainda, aquelles dos tempos em que ella era pequenininha, pouco mais do que recem-nascida.

Da sua mala cinzenta, tirou ella uma caixa de prata. Abriu-a, depois que a entregou em minhas mãos e deparei, logo, com um retratinho de uma pequena loirinha, cabellos cheios de caracós e linda.

— Estarei na Allemanha justamente para o seu anniversario, dia 13 de Dezembro! Para o Natal,

(Termina no fim do numero).

CASTELLOS NO

(CAUGHT SHORT) — FILM DA M. G. M.

MARIE DRESSLER	*Marie Jones*
POLLY MORAN	*Polly Smith*
Anita Page	*Genevieve Jones*
Charles Morton	*William Smith*
Nancy Price	*Priscilla*
Herbert Prior	*Mr. Frisby*
T. Roy Barnes	*Mr. Kidd*
Edward Dillon	*Mr. Thutt*
Gwen Lee	*Manicure*
Lee Kohlman	*Peddler*
Greta Grandstedt	*Fanny Lee*

Director: -- CHARLES F. RIESNER

No Washington Square, New York, Marie Jones e Polly Smith mantinham casas de pensão, ambas. Marie tem uma filha, Genovieve e Polly um filho, William. Marie, viuva de um jogador, é muito economica e Polly, viuva de um avarento, justamente ao contrario...

A historia começa aqui.

Daqui para diante, precipita-se: Marie e Polly, juntas, resolvem associar-se num negocio de bolsa e juntas, ganhando uma enorme fortuna, passam, de humildes que são, a extremamente ricas, multi-millionarias, mesmo, acompanhando, de muito longe, o amor profundo que nasce no coração de Genevieve por William e, no deste, por ella, igualmente.

O que as preoccupa, apenas, são os negocios. Dahi para fóra, nada mais as interessa e, quando attingem a posição que o dinheiro lhes dá, passam a frequentar a melhor sociedade de New York e, igualmente, a cometter as mais terriveis ratas que até já hoje, se viram em ambientes semelhantes, tudo isto para profunda tristeza dos filhos, os unicos a comprehenderem aquelles erros e aquellas asneiras das mães.

———o———

No meio de tudo isto, entretanto, nasce uma violenta e séria disputa entre as duas mulheres e *socias* e, separando-se ellas, ahi é que notam bem o amor que lhes liga os filhos e, sem nada querer ouvir, separam-nos violentamente. Polly Smith passa a residir na praia, em companhia de seu filho e Marie Jones entrega-se de coração á vida aristocratica de Wall Street... Arriscando muito seus haveres, sem duvida.

Marie Jones e sua filha, tempos depois, vão á uma festa na qual tambem acham-se Polly Smith e seu filho. De novo começam as discussões e as brigas e, ao mesmo tempo, Genevieve e William, desfazem de novo, os laços que ainda os ligam, um ao outro.

Despeitado, ferido no seu amor proprio, William mette-se a sério pela vida de uma artista que finge amal-o e, para vingar-se de Genevieve, promette-lhe casamento.

Sabendo disto, Genevieve, por sua vez, procura encontrar um noivo, aconselhada por sua mãe e mal pode conter o ciume que lhe desperta a noiva de William e a humilhação que sente dentro do seu coração, vendo-se assim derrotada por uma mulher daquelle especie.

———o———

Vão as cousas neste pé, para mães e filhos, quando um golpe da sorte fal-as empobrecer, radicalmente, perdendo todos os haveres que têm.

Naquelle instante, acorrendo ambas ao mercado de titulos verificam a exactidão do quanto lhes haviam affirmado e, naquelle momento, esquecendo todos os resentimentos particulares, abandonam as brigas e as discussões e, nervosas, cahem, uma nos braços da outra.

———o———

Regressam ao lar. Lá, ainda não unidos, encontram Geneviene e William. Sabedores da noticia, ainda timidos, não se approximam e naquelle mesmo instante, William recebe uma telephonada.

— Bill?...

— Sim!...

— Sou eu...

Era a noiva... A artista...

— Bill, querido, é verdade o que os jornaes noticiam?

— Que mamãe está arruinada?...

— Sim!

— E', como não? Infelizmente...

— Pois, querido, queria avisar-te, por uma coincidencia interessante, que temos que desfazer nosso noivado...

— E por que?...

— Porque eu tenho que viajar em companhia de um outro noivc que a sorte acaba de me lançar aos pés...

Era demais aquelle cynismo. William, nervoso, corta a ligação e, mais nervoso ainda, humilhado, diante de Genevieve que o olha, curiosa, não resiste ás lagrimas que o assaltam.

Atira-se ao divan, cheio de infelicidade e só ergue os olhos, ainda humidos, quando sente, sobre suas faces, o habito morno de Genevieve e a caricia branda da sua mão de seda.

— Querido, ella abandonou-te, não foi?

Elle nada respondeu.

Olharam-se. Depois elle apanhou-a nos

Legendas, aqui, são desnecessarias. E' só olhar... ellas falam.

braços e num instante mergulhava seus labios nos della.

Era o fim...

As velhas, infelizes, mais infelizes do que nunca, fazendo planos para uma "modesta pensão" montada em sociedade e... o casamento dos filhos, tambem...

FIM DA CHRONICA DO NUMERO ANTERIOR

Assim sendo, esta Commissão julga opportuno fazer as seguintes suggestões:

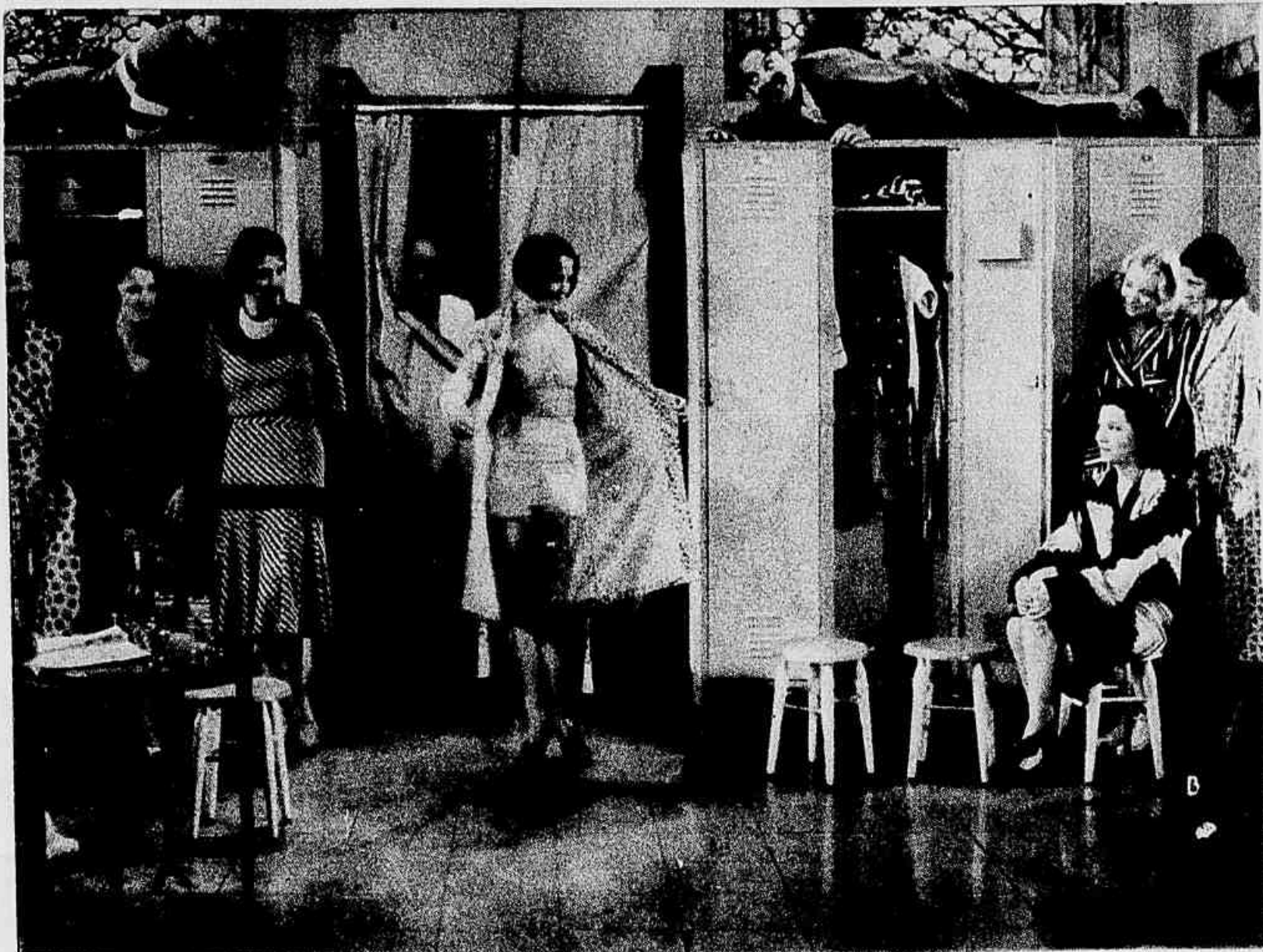
1.° — Os actuaes censores e demais autoridades policiaes ás quaes o assumpto esteja affecto deverão receber ordens terminantes no sentido de tornar mais rigorosa a applicação das penalidades relativas a publicações ou exhibições de qualquer natureza que offendam a moralidade publica. Juntamos para illustrações recortes de annuncios que apparecem quotidianamente em nossos jornaes.

2.° — Será annunciado nos jornaes que o Sr. Chefe de Policia receberá com o maximo agrado as representações que lhe foram feitas por associações ou particulares relativas a publicações ou exhibições de qualquer natureza offensivas á moral.

Solicitamos ainda ao Exmo. Sr. Chefe de Policia que transmitta ao Governo Provisorio da Republica a suggestão que ora lhe fazemos de ser transferida ao Ministerio da Educação e Saude Publica a organisação da censura literaria, em geral (livros, theatros, cinemas, etc.). Dahi resultaria, conforme tem salientado o illustre director da Bibliotheca Nacional, Dr. Mario Bhering, enorme economia de esforços, pois actualmente existem censores no Rio, em Minas, em São Paulo, em Pernambuco, etc. Estabelecida a censura federal, as suas decisões tornar-se-iam obrigatorias para todo o paiz, sob a fiscalisação das respectivas autoridades policiaes.

No caso de ser acceita a suggestão acima lembrariamos para fazerem parte da commisão encarregada de elaborar as bases da nova organisação os seguintes membros: um representante da Academia de Letras, um representante das firmas cinematographicas distribuidoras, o juiz de Menores da Capital Federal, um representante da Directoria Geral de Instrucção Publica, o director da Bibliotheca Nacional, um representante das assiciações religiosas, um representante da Policia do Districto Federal e um representante da Associação Brasileira de Educação. Acceite V. Ex. a segurança do nosso apreço."

✠ *Cimarron* consumiu o total de 2 milhões de pés de negativo Dupont, segundo declarações de Edward Cronjager, operador do mesmo e ha dez annos operador de Richard Dix.

✠ Kay Francis é outra artista que a Warner First contractou, recentemente, para *estrellar* diversas producções.

rar e não tem, na verdade, a menor intenção amorosa para com Ruth Van Horn.

Outra complicação surge, entretanto, na vida de Lora. O joven millionario Jack Martin, amigo intimo de Jerry, do qual este é instructor, promettera, precipitadamente, casamento a Angie Howard, uma pequena que conhecera num dos bailes do Club. Dando-lhe um annel de compromisso, fizera elle, sem o perceber, uma má manobra e, naquelle momento, nada mais tem a fazer do que se conformar com a tremenda perseguição que lhe move a pequena casamenteira.

Não sabendo como fugir, entretanto, ao cerco que Angie lhe move, resolve fugir do club e levar, em sua companhia Jerry para continuar instruindo-o no sport e mais como companheiro, mesmo.

Lora, cada vez mais enamorada de Jerry, cada vez mais apaixonada, embora elle se conserve

O roliço e pesado millionario Effingham quando chegou ao campo de **golf** do Royal Club, encontrou-o cheio de pequenas. Uma quantidade enorme dellas... Tantas e tão bonitas que sem, querer, tornou-se elle meio apatetado.

Discutia-se ali, naquelle instante, o emocionante partido que se feriria no dia immediato. O Royal Club ia ser, portanto, campo para uma das mais interessantes pugnas daquelle **sport** que já se haviam ali sido effectuadas.

Effingham ali era novo. Não conhecia ninguem, nem mesmo as mais populares figuras do club, naquella epoca: Lora Moore, a melhor jogadora do club e pequena maravilhosamente bem feita e linda; Ruth Van Horn, a perigosa e perturbadora viuvinha e Jerry Downs, a sensação do Club, profissional peritissimo, contractado para ensinar o **sport** aos principiantes e, ao mesmo tempo, galã de quasi todas as romanticas socias do club.

Num relance, Effingham percebeu a situação geral do club: duas correntes. Uma, de homens, seguindo a fascinação irresistivel da viuvinha Van Horn. Outra, de pequenas, não deixando de perceber o mais simples movimento do treinador Jerry Downs... E, ao mesmo tempo, embora medianamente perspicaz, tambem viu alguma tristeza, talvez ciumes, nos olhos preciosos de Lora Moore...

Lora, naquelle momento, é a principal visada pelas attenções de Jerry. Mas pelas attenções profissionaes, apenas, porquanto ella é a melhor jogadora do club e, assim, justamente aquella que elle mais

(FOLLOW THRU) — Film da Paramount.

CHARLES ROGERS	Jerry Downs
NANCY CARROLL	Lora Moore
Zelma O'Neal	Angie Howard
Jack Haley	Jack Martin
Eugene Pallette	J. C. Effingham
Thelma Todd	Ruth Van Horn
Claude King	Mac Moore
Kathryn Givney	Mrs. Bascomb
Margaret Lee	Babs Bascomb
Don Tomkins	Dinty Moore
Albert Gran	Martin Bascomb

Directores: — **LLOYD CORRIGAN & LAURENCE SCHWAB.**

deve aconselhar e mais aperfeiçoar para a pugna do dia immediato. Ella, entretanto, quando elle lhe explica os golpes certos e aquelles que não deve empregar, não tem os olhos no malho e nem os ouvidos no explicação. Apenas ouve a voz do coração e vê a immensa sympathia, o quasi amor que lhe desperta a juventude e a delicadeza de Jerry Downs...

Naquella mesma noite, entretanto, as cousas tomam um novo rumo. Ruth Van Horn, amiga de Jerry ha já algum tempo, dedica-lhe uma exaggerada attenção e trata-o com extrema intimidade e Lora, que, afinal, não consegue achar uma explicação logica para aquelle tratamento, naturalmente revolta-se contra a attitude de Jerry, cheia de ciumes, ferida no seu amor profundo pelo rapaz.

Para mais avivar a rivalidade existente entre ambas, a partida do dia sguinte será justamente disputada entre ambas: Ruth Van Horn, tida como uma das mais peritas no **sport** e Lora Moore, conhecida como a mais efficiente das jogadoras do Royal.

Já não se supportavam, pessoalmente. Ambas, num relance, comprehenderam que eram rivaes na disputa a Jerry Downs. E este, perfeitamente innocente, no caso, ignorando a paixão de Lora e desconhecendo as intenções de Ruth, ama Lora, sinceramente, embora não se ache no direito de se decla-

MULHERES

frio não demonstrasse o seu identico affecto. sabe do plano de Jack e, sabendo que esta será a sua separação de Jerry, resolve impedir a fuga. Sabia ella, perfeitamente, que, ausentando-se Jack, ausentar-se-ia Jerry e, assim, resolve deter a ambos.

Usando de todos os argumentos possiveis, Lora e Angie conseguem os seus intentos e, assim, depois de muitas peripecias ousadas, conseguem reter, no club, ao menos até ao dia immediato, Jack e Jerry, para que ambos assistissem á um baile de mascaras que se celebra naquella noite e que é putantes da grande prova, tão esperada. Lora, ao contrario do que Ruth deduzira, apresenta-se, apesar da formidavel **resaca** que a apanhara, pela manhã, em perfeita lucidez e, assim, começa-se a disputa com um extranho ardor, de parte a parte, uma extranha violencia que a maioria dos presentes não sabe explicar.

As jogadas, de ambas, são magistraes. Horas depois, proximas, ambas, da méta final, apuram ainda mais os golpes e, assim, difficilimo se torna prognosticar um resultado.

Jerry, entretanto, conversando com Angie Howard sabe, por ella, das intrigas e das astucias de

a festa que precede ás provas **sportivas** do dia immediato.

No baile, muito animado, a rivalidade de Lora e Ruth toma um caracter mais violento. Na disputa aos carinhos e affectos de Jerry, ambas se empenham com verdadeiro phrenesi e os golpes de que lançam mãos, ambas, são audaciosos e violentos, mesmo. O choque, entre ambas, é uma cousa quasi innevitavel.

E o plano que lança mãos Ruth, a mais ardilosa dellas, é simples: consegue convencer Lora a tomar mais **coktails** do que o necessario e, assim, embebedando-a, torna-a ridicula aos olhos de Jerry e, tambem, relativamente inutilizada para a partida **sportiva** do dia seguinte, já bem proximo.

Inconsciente, não querendo demostrar fraqueza diante de sua rival, Lora bebe as doses que ella lhe offerece, em requintes muito bem representados de gentileza e, assim, quando já não mais se pode suster nas pernas, entra por uma serie de actos inconvenientes que aborrecem immensamente a Jerry e que compromettem, principalmente, o seu successo do dia que estava quasi a raiar.

* * *

No dia seguinte, á hora marcada, chegam as dis-

Ruth Van Horn para conquistarlhe o affecto em contraposição a Lora Moore.Não mais se contendo acompanha ella a Lora e, num momento que lhe é dado fallar mais livremente, declara-lhe todo seu intenso affecto por ella, o seu grande e sincero amor e, quando a vê correspondendo ao seu affecto, ensina-lhe os golpes certos com os quaes derrotará Ruth Van Horn.

Depois da caminhada, diante da bola, Lora não hesita. Applica os golpes ensinados pelos conhecimentos profundos de Jerry e com estupefacção de Ruth e applausos de todos os presentes, derrota vantajosamente a sua adversaria.

* * *

Logo que a partida termina, de volta ao club, Jerry declara-se. Lora, que apenas espera pelas suas palavras para confessar-lhe que tambem o ama immensamente, abraça-o, sem mais se conter e antes que elle consiga dizer qualquer cousa ella o beija com o ardor que seu coração apaixonado sabia derramar quando necessario se fizesse...

Quando Jerry e Lora combinaram o casamento proximo, Jack e Angie tambem o fizeram, para o mesmo dia, mesma Igreja e apenas uma hora depois...

BESSA

DU BARRY, A SEDUCTORA

(Continuação da pag. 13)

Mas sabes que Louis XV, rei de França, quer que sejas sua amante?... Quer dar-te tudo quanto queiras?

— Louis XV?... O Rei?... Mentes!

— Aqui está a missiva que me trouxe Label, seu secretario confidencial...

Ella a lê, avida. A ambição, de novo, róe-lhe o coração. Cosse, desta vez, apparece-lhe mais vehementemente á recordação e não crendo muito naquillo que lhe affirma Du Barry, que bem conhece, crê numa armadilha para retel-a e, num impeto, grita-lhe ao passo que se prepara para sahir.

— Que Louis XV vá para o diabo! Entendeu?...

Du Barry petrificou-se. Jeannette avança para a porta. Diante della, assustada, surge a figura de Louis, o rei de França, sorridente e apaixonada. Acompanha-o Label.

—Conhece-me, madame?...

— O Rei!

Apenas isto conseguiu exclamar ella, na sua estupefacção.

— Sim. Rei, para os outros. Para si... escravo!!!

E acompanhando sua palavra com attitudes, atira-se elle aos seus pés e antes que ella tivesse forças para recuar, já elle lhe collocava no dedo o annel real.

— Amo-a! Dar-lhe-ei tudo quanto queira! Dinheiro, posição, luxo, futuro!!! Acceita-me?...

Cosse tornou a se fazer pequenino para a sua recordação. Sentia no dedo, com todo o peso do seu ouro, o annel real. Nas suas mãos, os beijos quentes que depositava o maior dos francezes, apaixonado aos seus pés... Rapido, vendo-a assim, Louis ordena a Label uma ceia para dois.

Conformada, embora ainda um pouco indecisa, ella lhe pede licença para preparar-se. Louis concede-a, satisfeito e ainda beija sua mão, ardoroso. Ao entrar em seu quarto, entretanto, encontra ella a figura de Cosse, terrivelmente pallido, medonhamente transtornada.

— Jeannette! E's uma vil creatura. Jamais pensei que estivesse á venda o teu amor, em leilão o teu affecto. Tive-te em conta de mulher honesta. Sou nobre, mas sou pobre. Não posso competir com um duque... Poderei supprir as offertas de um Rei?...

Rapido, antes que ella o conseguisse agarrar, elle salta pela janella e apenas suas lagrimas o alcançam, na sua já grande saudade. O seu vulto ella acompanha até desapparecer e depois, olhos rasos d'agua, immensamente infeliz, justamente naquelle instante em que o Rei de França tudo lhe offerecia, atira-se aos cuidados das camareiras.

(Termina no fim do numero)

DUNCAN RENALDO. E' NOVO NO CINEMA.

"PONTE DE S. LUIZ REY" FOI O SEU PRIMEIRO FILM.

ACABA DE ALCANÇAR GRANDE SUCCESSO EM "TRADER HORN".

Olha o cabellinho delle!

foi feito, tinha 36 actos. Foi exhibido "Marcha Nupcial" e a outra parte, cortada na occasião, vae ser agora exhibida com esse titulo de "Lua de Mel". Será um assombro, com certeza, muito embora melhor fosse ser exhibido na mesma occasião ou na semana seguinte. E' film silencioso. Elle, agora, está dirigindo seu primeiro film falado, a edição de "Maridos Cégos", para a Universal. Fará films falados, sim. Mas com dosagem certa e justa. Será cousa muito especial e apenas para justificar a situação presente do mercado mundial. Mas não se assuste que tudo continuará dentro do usual e já traçado programma. Todos elles têm, antes de mais nada, Cinema. A voz será um complemento, um enfeite, apenas, para determinadas situações. Continue escrevendo, Fla Flu. Recebi e agradeço os recortes.

BEN HUR (Ribeirão Preto) — Não é possivel prometter nada, você comprehenderá bem porque, mas é provavel que ainda se realise o seu sonho. E' uma questão de força de vontade e pertinacia de idéas. Não desanime! As photographias seguirão em breve. Entreguei a que remetteu, pessoalmente.

Alberto Cavalcanti, conhecido director brasileiro, em trabalho. E ao lado, no dia em que recebeu a noticia de Charles Rogers.

Pergunte-me outra...

JACK QUIMBY (Rio) — Então, você por aqui? Sua carta chegou-me muito tarde ás mãos, sabe? Por que não apparece? Ou na redacção, Visconde de Itauna, 419, das 12 ás 16, ou á rua Quitanda, 7, das 17 ás 18. Recebi as photos e já as archivei. Servirão, com certeza, para arranjar o "bit" que você ha tanto solicita e com tamanho ardor e empenho. Descanse, Jack, que tudo será resolvido a seu contento. Annotei seu endereço e tenho o numero do seu apparelho. Eu sabia que você não me esqueceria. Mas, confesso, admirei-me de você não nos procurar. Acanhamento?... Deixe disso! E' provavel que você não mais veja o film aqui, realmente. Mas dá-se um geito. Decio Murillo mora por ahi, sim. Procure-nos e depois receberá o "salvo conducto" para visitar o Studio. Quanto a mim, nem sempre me encontrará, mas, em todo caso, é possivel que justamente nesse dia eu esteja na redacção. Escreva quando quizer e deixe o acanhamento de lado. Até logo, Jack.

GAUCHÃO (Rio Grande) — Vamos ver se é possivel satisfazer sua vontade... Não tinha notado a semelhança. Por emquanto não está fazendo film algum. Sobre a questão do film, ahi, nada é possivel dizer, porquanto ignoramos o paradeiro do mesmo. A critica já sahiu ha muito, a cotação foi 3 ou 4 pontos, se me não engano. Está, sim, mas falando hespanhol. 1.° Não acredito que os resultados fossem esses que enumera... 2.° Seu desejo vae ser amplamente satisfeito.

ADLIH (Belem, Pará) — Sua carta andou perdida e só agora chegou ás minhas mãos. Foi-me entregue ha dias, para lhe responder. Mande photographias, antes de mais nada. Depois, então, qualquer cousa se dirá.

MANOEL RODRIGUES (S. Paulo) — Respondo a todas as cartas e não deixo ninguem sem resposta, amigo. Para vir para aqui, entretanto, o caminho certo é arranjar antes uma collocação, e, depois, tratar de vir. Mas com tantas companhias ahi, porque é que não as aproveita? Em todo caso, se é tão vehemente assim o seu desejo de vir para cá, envie photographias, antes de mais nada.

GUIDA (Rio) — Incommodar? Por que? Charles Morton, presentemente, não tem fabrica certa. Ora trabalha aqui, ora ali. E' melhor esperar até que elle consiga um bom contracto. Charles Farrell, Fox Studios, N. Western Avenue, Hollywood, California. Janet Gaynor, idem. Maurice Chevalier, Paramount Publix Studios, Hollywood, California.

CHARLES BOW (Recife)—Leu no "Cinearte Album" uma nota sobre o casamento de Clara Bow?... Francamente, não creio. De qualquer forma, é mentira. Não sei se ha disco ou não. Deixou, sim e acha-se em New York, no theatro. Sei a letra, sim, por que?

BOLIVAR DE SIQUEIRA (Diamantina) — E' um trabalho, o seu, que embora bom, não tem applicação para "Cinearte". Se fosse caricatura, talvez se aproveitasse.

ROLANDO DEL MAR (Rio) — 1.° "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, S. Christovão, Rio. 2.° Não tem importancia. 3.° Só mesmo vendo.

H. MOURA (P. do Sul) — Continue sempre, amigo Honorio, que não aborrece, não.

CHIAU (Cedral, S. Paulo) — 1.° 20 annos; 2.° Você é auxiliar de companhia ferroviaria ou de empresa funeraria?; 3.° "O Preço de um Prazer" e "Ganga Bruta"; 4.° Um assumpto tragico; 5.° Afastou-se? Por que? Não se preoccupe com dimensões, amigo. Nós, aqui, empregamos cavalheiros de menos de meio metro e outros de mais de dois. Photographias, envie para rua da Quitanda, 7.

FLA FLU (Rio) — Ha quanto tempo! Não me esqueço dos amigos, não! Agradeço e retribuo. O film de Carlito, de facto, tem sido um assombro de successo em todo o logar aonde é exhibido. Foi uma loucura em New York, outra em Los Angeles e, agora, em Londres, um successo sem precedentes. Venceu o idealismo do genio em toda a linha. Será mostrado em breve espaço de tempo, sim. Von Stroheim fez aquillo para ganhar dinheiro para poder viver. "Lua de Mel" é "Marcha Nupcial". O film, quando

NILS NORTON (Porto Alegre) — Gostei de todas as suas informações e vou aproveitar a *ultima* da gyria dahi que me mandou. De facto, são peores do que o "castor oil", sim... 24 de Janeiro. O film que cita era da Ufa. Tudo mudou! Por que?

BESÁLI (Florianopolis) 1.° Dorothy Dalton é esposa de Arthur Hammerstein e não está mais no Cinema. Dedica-se ao lar, apenas. Quiz voltar e esteve para ser a principal figura de "Noiva 66" que, depois, foi entregue a Lois Moran e, por sua vez, depois desta, a Jeanette Mac Donald que o interpretou, afinal. Não está trabalhando mais. 2.° E' o que elles chamam, lá, de "free lancing". Isto é: não tem emprego certo em fabrica alguma e, assim, trabalha quando encontra quem a queira. E' realmente linda, mas muito sem sorte. 3.° Para a P D C, hoje extincta. 4.° "Mulher Sem Deus" foi a melhor. 5.° Calma! Ainda teremos muita surpresa, neste particular.

SANTINHO (Fartura)—Ella responderá, sim. Já entreguei a photographia que enviou. Esses films que cita já foram exhibidos lá em São Paulo, sim. Ella casou-se, a sua "querida" á qual manda lembranças e retirou-se do Cinema.

MAURICE CHEVALIER (Jaboticabal) — 1.° "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio de Janeiro; 2.° Vamos, sim, muito breve; 3.° Não. Está voltando, depois de um ou dois fracassos em films falados; 4.° Recitar alguns dialogos. Sua photographia foi recebida e está archivada. Quando sua opportunidade chegar, será avisado.

FREDERICO STOWASSER (Passagem de Marianna, Minas) — Brasil Studio?... Que concurso é esse? A gerencia entregou-me sua carta. Escreve-me outra e dê detalhes desse negocio.

OPERADOR

A TELA EM REVISTA...

CLAREANDO...

Entre os commentarios favoraveis feitos ao ultimo trabalho do genial Carlito, **City Lights**, alguns referiram-se particularmente á symphonia musical que acompanhou a pellicula, toda silenciosa e á ella fizeram as mais rasgadas referencias. **City Lights**, como sabemos, é o primeiro film silencioso que os Estados Unidos fazem depois de tres annos de films totalmente fallados. Uma **novidade**, uma **raridade**, mesmo. Entretanto, tem sido o maior de todos os successos de bilheteria de todos os Cinemas que têm exhibido o film e operou, mesmo, uma radical transformação nos planos de todos os productores.

Alguns disseram, referindo-se á ultima cartada de Carlito, que sómente elle é capaz de apresentar um film silencioso agradavel. Outros, que elle assim faz seus films, porque é **rei** da pantomima. A verdade, é, entretanto, que o publico já não supporta tanto os films fallados, aqui, nos Estados Unidos, na Europa, em tota as partes do mundo que tenham apparelhos para som e voz. Esta é que é a verdade. Além disso, o film fallado tem diminuido, para as fabricas productoras, extraordinariamente os lucros no estrangeiro. Os Cinemas, ultimamente, não são mais o que eram. Enchentes como viamos, antes, nos tempos em que se lançavam os formidaveis films, não vemos mais e ao Cinema fallado devemos este descalabro. Pelo interior, então, os Cinemas chegam a fechar, como o caso do Cinema principal de Cataguazes, em Minas, porque não querem passar a producção **muda** ou silenciosa que lhes offerecem as Agencias, verdadeiro rebutalho insupportavel e, não tendo apparelhos para voz e som, tambem não podem exhibir os films melhores. Porque quando installam apparelhos passam a exhibir films sonoros apenas. E exhibem porque supprimem a pequena orchestra que seja.

Reunidos, ultimamente, resolveram reduzir os dialogos a 5%, em todos os films e, assim, entrar novamente, embóra parcialmente, pelo terreno do silencio. Não é sem tempo! Films totalmente fallados, embóra com letreiros super-posto ou intercallados, têm a desvantagem de não ter musica, complemento indispensavel para a perfeição de um film. E films **mudos**, embóra acompanhados com pessimos discos, são aleijões com os quaes o publico tambem não se conforma.

Surgem opiniões daqui, dali e dacolá. Os proprios Estados Unidos ainda têm 8 mil Cinemas sem apparelhos sonóros. Será possivel que a rotina persista? Se collocassem voz apenas em logar de letreiros e fizessem uma musica perfeita acompanhar todo o film, teriamos attingido a perfeição. Com bôas synchronizações, com som e algumas fallas, teremos conseguido a perfeição. Não é difficil que isto se dê. O film de Carlito operou uma profunda modificação em todo meio. Constataram, abalados, que elle é que sempre teve a razão. E promettem, mesmo, voltar á razão...

O film silencioso de Carlito deixou-os boquiabertos. A synchronização do film de Carlito pasmou-os. Os sons que Carlito applicou, opportuna e sabiamente no seu film, abalaram-nos. Muita cousa nova temos que esperar do Cinema, de agóra para diante, principalmente da fabrica de films silenciosos com a qual Carlito sempre sonhou e a qual agóra elle levará a effeito, com certeza.

ODEON

TRINDADE MALDICTA—(The Uuholly Three) — Film da M. G. M. — Producção de 1930.

O primeiro film fallado de Lon Chaney. O seu ultimo film. Versão fallada de **Tridadé Maldicta** que, silencioso, já haviamos visto, ha annos, guarda o mesmo cunho dramatico, emotivo e rapido. Jack Conway, diga-se, soube fazer um film fallado rapido, agil e absolutamente nunca detido pelos dialogos.

Lon Chaney sempre foi um artista sincero, magnifico, mesmo nas suas caracterizações exageradas, falsas. Tinha uma naturalidade impressionante, éra impressionantemente humano. Minado por um mal de morte, começou **Trindadé Maldicta**, seu primeiro film fallado, decidido depois de innumeras questões, porque elle não queria fallar. Mas Lon Chaney não éra Carlito. Pertencia á um elenco de uma fabrica e éra obrigado, por contracto, a obedecer. Teve que ceder, para poder dar o mesmo conforto de sempre á familia que tanto queria e fallou. Deram-lhe, logo, um papel que requeria intenso esforço seu. Elle não titubeou. Fez, magistralmente, como sempre, as diversas caracterizações do seu papel e fallou de formas diversas. Esgottou-se! Logo depois adoeceu, seriamente e nunca mais voltou para frente de uma **camêra**...

O film é o mesmo que na versão silenciosa. Ha uma differença no final. Na versão silenciosa elle dizia, no bilhete, a Matt Moore, que fizesse os movimentos labiaes que elle fallaria por elle, depondo. Nesta versão, não. Elle vae ao tribunal, caracterizado como Vóvó O'Grady e lá, depois do depoimento, é desmascarado pelo promotor publico. Aliás esta forma agrada mais e convence mais. O final precipita-se vertiginosamente e muito bem, aliás.

Elliot Nugent, a figura mais sem photogenia que já temos visto em films, é a unica cousa desagradavel que o film tem. Lila Lee, linda e representando muito bem faz seu papel melhor do que o fez Mae Bush. O anão é o mesmo, Harry Earles. O gigante não é Victor Mac Laglen: é Ivan Linow. Ha as mesmas scenas emocionantes e os mesmos m mentos de intensa dramaticidade. A scena do detective com o elephante do anãozinho é irritante, até. Jack Conway soube fazer um film bastante bom.

Os admiradores de Lon Chaney não perderão este film bem sabemos. Mas todos o deviam ver. Para observar as rugas do rosto daquelle homem, o seu physico acabado, gasto. Depois que se soube da tragedia da sua vida é que se reparou na decadencia constante e crescente do seu physico. Pobre Lon Chaney! Nos films, sempre, foste uma figura que despertava pena. Agóra, já morto, continuas despertando o mesmo sentimento. Valentino, rei dos galãs, até hoje vive nas recordações dos **fans**. Tu, rei dos aleijados e desfigurados do Cinema, dos soffredores e dos monstros, tambem ficará para a eternidade na recordação de todos.

A voz delle é exellente e o film só tem contra si a figura terrivel de Elliot Nugent.

Argumento de Clarence Aaron Robbins. Continuidade de J. C. Nugent (qual!).

COTAÇÃO: — 7 pontos.

Como complemento, uma comedia com Max Davidson, Ed Kennedy, Thelma Todd e outros. Acceitavel. O negocio da phoca é gozado.

Lon Chaney despediu-se do publico com o primeiro film fallado...

IMPERIO

A PROVA DO AMOR — (The Man from Wyoming) — Film da Paramount — Producção de 1930.

Gary Cooper é, sempre, nome de bilheteria. Até **Anjo Peccador** éra um galã e... nada mais. Depois desse film tornou-se idolo. Agóra, qualquer film seu é acceitavel e bom.

A Prova do Amor é um film que inda explora o ambiente da grande guerra. Não é um film esplendido e nem é um máo film. Agrada á uns, não chega a fazer com que os outros bocejem. O typo do film regular...

Elle, June Collyer, Regis Toomey, E. H. Calvert e Bem Hall contam a historia de Joseph Monture March e Lew Lipton de fórma agradavel e deixam-se dirigir bem por Rowland V. Lee.

Podem assistir, se estiverem mesmo pela cidade, que não se aborrecerão. Se tiver um bom complemento, entretanto, sempre será melhor.

Continuidade de John V. A. Weaver e Albert Shelby Le Vino. Operador, Harry Fishbeck.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

PATHÉ-PALACIO

MOCIDADE LOUCA — (Wild Company) — Film da Fox — Producção de 1930.

Ha annos, a Fox apresentou Maria Alba, vencedora do seu concurso na Hespanha, como principal figura deste mesmo film. Chamava-se **Fructos da Epocha** e tinha Warren Burke e Lionel Barrymore no elenco. A direcção éra de Richard Rosson e o scenario da mesma Bradley King desta versão. O film éra fraquissimo e não servia nem siquer para Maria Alba melhorar de situação, na Fox.

Hoje, em forma fallada (apesar da versão ter sido **muda**) Leo Mc Carey dirigiu-a, novamente, com Frank Albertson no principal papel e Sharon Lynn e Joyce Compton a coadjuval-o. H. B. Warner foi o pae, desta feita.

E' uma historia que narra os desregramentos da mocidade que não ouve os conselhos paternos. Tudo batido, conhecido e sem sabôr algum de novidade. A direcção de Leo Mc Carey tem alguns momentos felizes e outros vulgares. O elenco defende-se bem.

O film é apenas acceitavel. Bela Lugosi figura e Richard Keene tambem.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

CAPITOLIO

VENCIDA PELO AMOR — (A Lady Surrenders) — Film da Universal — Producção de 1930.

John M. Stahl sempre foi um dos melhores directores americanos. Na First National, ha annos, fez, em fims, cousas admiraveis: **Evitando o Peccado** é um exemplo frizante disto. Depois, na M. G. M. conseguiu alguns outros successos e, finalmente, entrou pelo campo da producção, associando-se á Tiffany que, tambem, passou a chamar-se Tiffany-Stahl. Supervisionando os films, cuidando apenas da parte commercial do negocio, não fez nada de approveitavel e nem siquer dirigiu um só film. Limitou-se a acceitar as mediocres producções que os Studios lhe davam para ver e sahiu da lembrança dos **fans**.

Deixando o negocio de produzir, tempos depois, volveu novamente seus olhos para a sua grande especialidade: dirigir. As fabricas, quasi todas, fizeram-lhe propostas. A da Universal foi a melhor, elle assignou-a. E este é o seu primeiro trabalho: **Vencida pelo Amor**, da novella **Sincirity**, de John Erskine.

O film é caracteristicamente seu. Simples de confecção, isto é, sem arroubos de technica moderna e nem volupia de angulos exquisitos, é facil, macio, gostoso como um romance bom que a gente lê em duas horas. Trata de assumptos domesticos, sua especialidade e aborda um thema moderno e ousado: uma mulher que manda uma amiga ouvir as opiniões do proprio esposo e sabe, depois, que ambos se gostam. Isto, nas mãos de outro director, sem duvida, seria um fracasso. Nas mãos de John M. Stahl foi um film esplendido. Elle tirou todo o partido possivel das situações que lhe agradaram mais. Desenvolveu maciamente o thema todo do film e atirou-o ás platéas como um compositor que lança uma symphonia de exito garantido: socegado e certo do successo.

O unico defeito do film é a dupla: Genevieve Tobin, Rose Habart. Ambas, de theatro, não correspondem á admiração dos **fans** e não são aquillo que a gente desejaria ver ao lado de Conrad Nagel. Este, sim, sempre sincero e distincto, desempenha naturalissimamente o seu papel e fal-o com a sua conhecida elegancia. E, aliás, um artista favorito de Stahl e bem o merece.

Tirando este defeito que, aliás, torna menos interessantes todas as scenas do mesmo, é um trabalho que ninguem deve perder e que todos devem fazer mesmo sacrificio para assistir.

E' um film como **Martini Cocktail**: elegante, bem vestido, distincto. Um film em summa, que faz bem aos olhos, á alma e ao coração.

A lucta de Mary para arrebatar o affecto de Winthrop das mãos de Isabel é interesantissima e mais interessante ainda o tom cynico, secco e máo com que Isabel reconhece o seu erro, conta os seus peccados e deixa a amiga para sempre nos braços do esposo.

Só mesmo John M. Stahl poderia tratar um assumpto como este. Fel-o com maestria e com alma.

Basil Rathbone é outro que aborrece. Edgar Norton tem um bom papel e Carmel Myers figura em um pequeno **bit**. Outrosim Grace Cunard, a veterana das series da Universal.

Scenario de Gladys Lehman.

COTAÇÃO: — 8 pontos.

OUTROS CINEMAS

O SEGREDO DO MEDICO — (El Segredo del Medico) — Film Paramount — Producção de 1930.

Vimos a versão original, com Ruth Chatterton, H. B. Warner e John Loder. Lembram-se della? Ha tempos, em forma silenciosa, uma outra, com Dorothy Dalton e Charles Richman. E, finalmente, como não era esperado mas aconteceu, as versões hespanholas e

franceza do mesmo assumpto. Esta, a hespanhola, feita, como a franceza, nos Studios de Joinvelle, teve a direcção de Adelqui Millar. O elenco reune artistas na sua maioria desconhecidos do publico, taes como: Eugenia Zuffoli, Antonio D'Alyu, Carmen Fernandes, Manuel Soto e José Bordato. Felix de Pommes tem bom papel e é, mais uma vez, o unico do elenco que se recommenda. O scenario é exactamente o do original e em materia de direcção nada de novo apresenta. Fraco, em geral e cacete como sóe ser toda versão hespanhola que temos visto.

COTAÇÃO: — 4 pontos.

SEGREDO DO MEDICO — (Le Secret du Docteur) — Film Paramount — Producção de 1930.

E' uma versão melhor do que a hespanhola, se bem que ainda seja fraca e ainda seja cacete...

A direcção, de Charles de Rochefort, que tantas vezes vimos como galã de films da Paramount, em Hollywood, inclusive um papel saliente em **Dez Mandamentos** de De Mille, é regular, apenas E' melhor, todavia, do que a de **Mentiras de mulher**, ha pouco exhibido em diversas versões.

Marcelle Chantal, ex-Jefferson Cohn, que vimos em **Collar da Rainha**, é uma bôa artista, realmente e uma mulher esplendidamente bella. Movimenta-se com muita graça e naturalidade e tem reaes meritos para o Cinema. Ella só vale o sacrifio de se ver esta versão.

Leon Bary, velho conhecido nosso, figurante de tantos films da antiga Pathé, inclusive films em series, com Mollie King, é um dos bons artistas do elenco. Está velho, mas representa sempre bem. Jean Bradin, Alice Tissot, Maxudian (infallivelmente!) e Odette Joyeux, apparecem.

Agradará principalmente aos **snobs**, esses que não perdem "uma só" receita do theatro Municipal, quando tem compahia franceza no palco...

COTAÇÃO: — 5 pontos.

LEÃO DA FESTA — (The Social Lion) — Film Paramount — Producção de 1930.

Uma comedia com Jack Oackie num papel de William Haines. E' melhor do **Amor Atravessa o mar**, recentemente exhibida, sem duvida, mas é inferior ás verdadeiras grandes comedias que antigamente viamos.

Jack, neste genero de "garganta", convencido, não vae mal, mas chama logo a attenção para o genero do papel e quando William Haines nos cahe na imaginação... adeus Jackie!

A Comedia é bôa, tem assumpto realmente agradavel e situação irresistiveis. Mas a comedia, propriamente, reside em grande parte nos dialogos, engraçadissimos, para quem os comprehender e nem tanto na acção que, apesar de tudo, é efficiente.

As aventuras de Marco Perkins, o rapaz modesto que tudo sabia fazer mas perdia as bôas opportunidades por causa da sua ingenuidade, são agradeveis e engraçadas, muitas dellas. Mary Brian, além disso, é uma suave e meiga companheirinha e Olive Borden, um moreno e delicioso peccado. Que pena a Olive não estar no seu **right placé**...

Falta ao Jack alguma cousa que não o faz tão engraçado. Mas elle é sympathico e neste genero de films ainda poderá ir muito longe. Skeets Gallagher, sempre engraçado, tem muitas opportunidades, neste trabalho. Charles Sellon, na forma do costume. E. H. Calvert tambem toma parte.

Eddie Sutherland dirigiu na sua fórma habitual e conseguiu bôas gargalhadas para seu trabalho. Ha alguns trechos em que o film cahe, se bem que não leve o tombo á monotonia radical.

Argumento de Octavus Roy Cohen, com adaptação de Joseph L. Mankiewicz. Operador, Allen Siegler.

COTAÇÃO: — 6 pontos.

Como complemento deste film, uma "comedia" em dois actos, da Tiffany, com diversos macacos como protagonistas. Uma das peores, permittam dizermos.

ELDORADO

A MELODIA DO PASSADO — (The Melody Man) — Film da Columbia — Producção de 1930. — (Programma Matarazzo).

Nada de fóra do commum, neste film. Ao contrario, ainda ha um **jazz** e uma symphonia regida pelo heróe do film... Mas tem alguma cousa agradavel e a direcção de R. William Neill, sincera, afinal de contas.

William Collier Jr., cacetissimo, não convence no seu papel e Alice Day é muito sem sal. John Sainpolis é que representa melhor e salva grande parte do fim. O seu papel, aliás, todo elle levado para o tragico, tem momentos felizes, realmente. Pena é que o assumpto fosse tão pobre e corriqueiro.

Albert Conti, Johnny Walker, Mildred Harris, Tenen Holtz, Lee Kohlmar e Anton Vaverka apparecem.

Argumento de Howard J. Green. Operador, Teddy Tetzlaff.

COTAÇÃO: 5 pontos.

PATHÉ

VAQUEIRO APAIXONADO — (The Concentration Kid) — Film da Universal — Producção de 1930.

Um film de Hoot Gibson que já está melhor. Como direcção, de Reeves Eason e como historia. A sua heroina, desta vez, é Kathryn Crawford e Duke Lee, Robert Homans e Jimmie Mason tomam parte.

Não é film que se faça sacrificio para assistir, mas, sem duvida, é um magnifico complemento de programma.

Para os admiradores de Hoot Gibson é um acceitavel film, no genero.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

₰ Passou em "reprise" o film "Minha Mãe".

PARISIENSE

Em **reprise, O mundo ás Avessas**, com Edmund Love e Victor Mac Laglen, e, **Um Sonho que Viveu** com Charles Farrel e Janet Gaynor.

OUTROS CINEMAS

DEMONIO A CAVALLO — (Oklahoma Sheriff) — Film da Syndicate — Producção de 1930. — (Programma V. R. Castro).

Bob Steele, um artista acceitavel, num film regular. Ao director J. P. Mc Gowan poderemos creditar algumas bôas scenazinhas que vimos. Elle é um dos raros que pode rivalizar com Richar Talmadge em materia de saltos, pulos e ousadias, o Bob!

Thomas Lingham apparece.

COTAÇÃO: — 4 pontos.

A FÉRA HUMANA — (Hunt a Man) — Film da Syndicate — Producção de 1930. — (Programma V. R. Castro).

Mais um trabalho de Bob Steele. Tem scenas bôas e muito elemento de agrado para as pequeninas platéas.

Jean Reno, uma pequena sem **it** é a sua heroina. Apreciarão esta fitinha do Bob, com certeza.

COTAÇÃO: — 4 pontos.

RIALTO

Em **reprise**, antes de iniciar uma nova temporada theatral, o Rialto exhibiu: **Martyrio do Amor**, com Olga Tschekowa e **A Noiva do Millionario**, com Jacqueline Logan.

Du Barry, a seductora

(Fim)

Louis XV, entretanto, arguto e intelligente como é, comprehende que Jeannette ama a outro. Sente-o nos seus actos, nos seus gestos, nas suas attitudes. Nas suas tristezas subitas. Nos seus modos de ave ferida O ciume, entra desalmado pelo seu coração todo. Quer saber quem é e percebe, dias depois, num encontro que Jeannette tem com Cosse, que é elle o dono do seu coração. Esse encontro, entretanto, não fôra provocado por elle. Ella é que o vira, só e dirigira-se a elle. Precisava ouvir-lhe a voz, ainda que fosse, naquelle instante, para ser ferida com censuras asperas e inclementes. E foi o que se deu. Cosse invectivou-a, mais violento do que nunca. E, infeliz, teria tido seu ultimo dia, ali mesmo, se emissarios não chegassem á presença de Louis XV que, escondido, observava-os e lhe dissessem que a situação geral de França agravava-se com a creação do imposto pesado com o qual elle onerara as populações humildes.

Assim que Jeannette chegou aos seus commodos, Louis XV procurou-a.

— Vou ausentar-me. Negocios urgentes chamam-me. Se se tornar a encontrar com aquelle homem, da minha guarda, nunca mais o verá!

— Por que?

— Mandarei matal-o!!!

Jeannette comprehendeu. Atirou-se aos braços do Rei e beijou-o com um ardor que elle ainda não tinha conhecido...

* * *

O Capitão de Brissac, pae de Cosse, procura Jeannette, tempos depois, já de volta o Rei.

— Madame! Meu filho desappareceu, ha tempos e eu a responsabilizo por isto.

— Senhor! Cosse desappareceu?

— E bem o sabe. Elle a ama. O Rei é seu dono. O ciume matará meu filho!

Jeannette comprehendeu a situação. Brissac arrematou, violentamente.

— A senhora é, tambem, a causadora de todo o soffrimento que o povo francez passa, presentemente. As suas joias, os seus caprichos, são tantos, tão brutaes, madame, que o dinheiro todo da França não basta para pagal-os... Ainda ha de se arrepender do seu procedimento!

E retirou-se. Jeannette, apalermada, tonta, não sabia atinar com cousa alguma: Cosse desapparecido, povo revoltado ella a unica culpada...

* * *

Ao contrario do que lhe aconselhára o Ministro de Estado, Louis XV resolveu dar uma grande festa em homenagem a Jeannette, afim de a fazer esquecer Cosse de Brissac. O povo, faminto e desesperado, sente-se profundamente ferido com esta prova de despreso e desrespeito ao mais simples sentimento de caridade. E a massa popular, furiosa, posta-se diante do palacio para melhor mostrar seu desapprovamento áquella situação. São disparados tiros, a multidão é em parte dispersada e, entre os chefes do movimento revolucionario, o Capitão de Brissac tem a satisfação de constatar, embóra ferido, seu proprio filho Cosse, um dos mais vermelhos e violentos. Para salvar-se, Cosse procura a passagem secreta que conhece para os appartamentos de Jeannette e, quando esta menos espera entra elle pelo **boudoir** a dentro.

— Tu!

Cala-te!

— Que andas fazendo, Cosse?

— Chefio o movimento contra o teu Rei! Feriram-me...

Ella o soccorre. Auxilia-o ali mesmo, curando-lhe a chaga, vendo, louca de medo, a pistola que elle mantem em direcção á porta, na esperança de que surja o Rei e elle o possa matar, vingando-se, assim.

Fechadas todas as portas, Jeannette melhor cuida do seu ferido. Quando já tem quasi prompto o curativo, ouve pessoa que bate á porta.

— E' o Rei!

Ouve a voz que diz. Cosse rapido, pensa em atirar, na sua suprema loucura. Jeannette, sem mais raciocinios, atira-lhe com um pesado objecto á cabeça e prostra-o desmaiado. Depois, pedindo lincença ao Rei para se demorar algum tempo mais, preparando-se, esconde Cosse em sua propria cama. Depois, desfeitos os demais vestigios faz ella entrar o Rei.

A procura resulta infructifera e teria elle se retirado, satisfeito, se uma mancha de sangue, á porta da entrada secreta não lhe chamasse a attenção. Rapido, ordena elle a Brissac que descubra a cama e o proprio pae é que põe o infeliz filho a descoberto diante de Sua Majestade. Preso Cosse, atirado o Capitão de Brissac que nada consegue em pról do seu filho, amargurada a infeliz Jeannette, Louis XV ordena que prosiga a festa e convida Jeannette a descer em sua companhia.

* * *

O **clou** da festa, entretanto, é mudado. Em vez do bailado, ha um numero **especial**. E' a **execução** de Cosse, fuzilado diante dos proprios olhos da amante de Louis XV... Vendo que é inutil, ella arroja-se ao portão do parque real e abrindo as portas deixa entrar a multidão que arranca Cosse das mãos dos seus carrascos. O grito, entretanto, que todos dão, naquelle momento, é: —

— Guilhotina para a Du Barry!!!
— Guilhotina para a Du Barry!!!
— Guilhotina para a Du Barry!!!

E sem mesmo se importarem com Louis XV, tendo-a em mão, nem siquer com o appello de Cosse que os procura coordenar, levam-na para a execução.

* * *

Dias antes da sua execução, Jeannette recebe a visita de Cosse. Silenciosos, instantes, dizem, depois, no ultimo arranco: —

— Nada separará nossos amor, Cosse!!!

— Nada, querida! E' eterno. Apenas sinto ter sido tão injusto comtigo...

E naquelle instante é que Jeannette sabe de toda a verdade. Renegando sua fé revolucionaria, para poder morrer, ao lado de sua querida, Cosse tambem vae á guilhotina.

Se não tinham conseguido amarem-se em vida, amar-se iam depois de mortos, com certeza.

* * *

Millie, da Radio, tem Helen Twelvetrees, Lilyan Tashman, Robert Ames, John Halliday, Anita Louise, James Hall e Joan Blondell, nos principaes papeis. John Francis Dillon dirigiu. Harry J. Brown é productor associado.

A Volta de Marie Prevost

Quando Marie Prevost fez aquella scena, em *Flôr dos meus Sonhos* (Ladies of Leisure), subindo toda aquella escadaria, estava pesando mais 138 libras do que quando estrellou aquella serie de films para a Warner. Um consideravel e formidavel augmento de peso, mesmo. A cousa mais inacreditavel que Hollywood via naquelles tempos, mesmo...

Geralmente, com manteiga e tratamento é que as *estrellas* engordam e, depois, não têm mais animo a recomeçar a carreira interrompida. Com Marie tal não se deu. Porque, explicamos.

O que mais interessante ha, na carreira de Marie, é que depois de innumeros fracassos e máos films, consegue ella, agora, 138 libras mais pesada do que antes, uma serie de notaveis successos: em *War Nurse*, *Paid* e *Gentleman's Fate*. Dois annos esteve ella inactiva para as *cameras*. Agora, de volta, consegue ella um esplendido contracto e uma serie de papeis que muito podem fazer para o seu reerguimento artistico. Ha dez annos que ella é do Cinema. Esta é o seu terceiro regresso ao Cinema, com rapidas interrupções. Sua figura, de uma forma ou de outra, tem influido para isto. Hoje ella está gorda, pesadona e quasi feia, apesar do novo regimen e tratamento que está empregando. Mas quando pertencia a Mack Sennett e era um dos mais notaveis physicos do conjunto, todos acharam e disseram, mesmo, que foi ella que transformou o Cinema americano das Valeskas Surratt para as melindrosas de hoje. Ella, Phyllis Haver (hoje casada e afastada do Cinema) e Gloria Swanson foram as creadoras desse novo typo e as animadoras do mesmo nos seus seguintes e repetidos successos. Ha tempos era dos physicos mais invejados do Cinema e das creaturas mais seductoras, igualmente. O que teria effectuado a transformação?...

—o—

Tão colosso era o seu physico e tão delicado o seu corpo que a Universal offereceu-lhe um importante contracto para *estrellar* uma serie de comedias mais finas que as de Mack Sennett e, possivelmente, alguns dramas, tambem. Pernas, braços e tudo, mesmo, eram perfeitos em Marie e chamavam a attenção. O contracto rezava dois annos e todo elle transcorreu normalmente. Isto é: com o menor numero de incidentes possivel.

Depois de terminado o contracto, andaram ella e as suas formas roliças a rolarem pelas portas dos Studios á espera de um novo contracto pois a opção do primeiro não fôra renovada.

E já desanimava ella, naquelle tempo, quando o mestre dos mestres, Herr Ernst Lubitsch, que estava organizando o elenco para o seu film *Circulo do Matrimonio* (The Marriage Circle) e que tambem havia assistido a alguns dos seus trabalhos para a Universal, apaixonou-se pelo seu typo e incluiu-a immediatamente no elenco. Achava elle que era até um peccado deixar andar assim sem contracto um physico daquelles e, como todos sabem, fez de Marie um successo nesse seu film para a Warner Bros.

Era esta a sua primeira *rentrée* na arte.

A "volta" de Marie Prevost, operada em circumstancias tão milagrosas por Lubitsch, foi motivo para não poucos commentarios e criticas favoraveis e, por isso, deu-lhe a mesma Warner Bros. um longo e importante contracto. Lançava-se ella, além disso, na carreira dramatica da sua vida e foi ahi, tambem, que se apaixonou por Kenneth Harlan e elle por ella. Annos depois, divorciavam-se. Foi elle que a aconselhou a quebrar seu contracto com a Warner e isto, mais tarde, tornou-se o aspecto mais dramatico do seu divorcio.

Sem trabalho, com mais 10 libras nas suas 100 de peso, isto em homenagem aos papeis dramaticos que representara andou ella apenas apoiando-se no bom lucro que tinha economisado, do seu trabalho e á espera de uma nova opportunidade.

Com a P. D. C., depois, conseguiu um contracto que, mais tarde ainda, foi renovado pela Pathé que se apossou da P. D. C. E, para esta fabrica, dahi para diante, fez ella uma serie de comedias, cada qual dellas, diga-se, peor do que a anterior e, isto, para afundamento parcial e immediato do quanto tinha conseguido, annos antes, com ajuda de Lubitsch e outros bons directores.

—o—

Terminado este novo contracto, apossou-se della uma outra cousa: a fome, o appetite, o maior inimigo das *estrellas*, luxo ao qual não se podem dar se é que querem conservar seus physicos na proporção dos papeis. Mandou ella construir, em terreno de sua propriedade, na praia de Malibu, um pequeno lar e lá deixou-se ficar á espera do proximo contracto, com duas grandes preoccupações: comer e dormir...

—o—

As festas que ella deu nessa casa, depois, tornaram-se famosas. Tudo ali era confortavel e como o dinheiro economisado era bastante, não se preoccupava ella, absolutamente, com o dia de amanhã. Phyllis Haver, Sally Eilers, Hoot Gibson e William Collier Jr. eram os principaes figurantes daquellas festas. E tanto se comia quanto se bebia ali. O socego era intenso para ella e a vida corria assim...

—o—

Tanto Joan Crawford, Norma Shearer e outras, como a propria Clara Bow, cuidavam de melhorar os physicos para perderem a banha, quanto Marie Prevost descuidava-se disto e engordava, dia a dia...

Justamente nessa epoca, encontrando-se ella no apogeu da banha, achava-se o director Frank Capra escolhendo o elenco para o seu proximo film que seria, mais tarde, um dos mais admiraveis e admirados que Hollywood já fez: *Flôr dos meus Sonhos* (Ladies of Leisure). Havia, na historia, um papel que não requeria uma invalida, com certeza... Elle queria uma comediante gorda, para contrabalançar o drama que Barbara Stanwyck viveria. Queria uma pequena que tivesse alguma habilidade dramatica e, assim, pousando elle os olhos nas 138 libras de Marie Prevost viu, logo, que ella era mesma que lhe convinha. Offereceu-lhe o papel. Conseguiu-a para interpretal-o, em seguida.

—o—

Era, portanto, a terceira *volta* que Marie Prevost realisava no Cinema...

(Termina no fim do numero).

O mysterio de Greta Garbo

(Conclusão do numero anterior)

uma conferencia. As perguntas eram demasiadas e associavam o mundo todo. Ninguem mais dormia em socego com aquelles *porques* em volta do nome e da personalidade de Greta Garbo. Holmes, Vance, Stone, Kennedy, Chan e Philo Gubb, detective por correspondencia, sentaram-se todos ao redor de uma grande mesa. Não invocaram espirito algum, porém... Notaram, apenas, a presença de um estranho.

Era um homemzinho commum, baixote, meia idade, mal vestido, ligeiramente gordo e usando oculos geralmente suados.

Holmes não resistiu. Applicou sobre elle seus agudos olhos de detective admiravel e perguntou, em forma policial, technica:

— Quem é o senhor, meu bom amigo e o que quer aqui?

O homemzinho pensou. Depois respondeu, affectando calma.

— Chamo-me Jose da Silva Vasconcellos, sabe? Sou commerciante estabelecido. Casei-me ha annos e tenho diversos filhos. Li que os senhores discutiam Greta Garbo e como sei demais a respeito della, resolvi procural-os. Ella é amiga de minha patroa...

Os grandes detectives entreolharam-se. Philo Vance fuzilou a primeira pergunta:

— Conte-me então, senhor Vasconcellos, porque é que ella violou todos os preceitos da arte e, ficando sete mezes fóra, sem a menor satisfação, ainda achou-se no direito de reclamar e gritar que não admittia censuras... Conte-me. Conte-nos!

Vasconcellos coçou a ponta do nariz. Respondeu:

— Ella disse á minha patroa, senhor, que escolheram um argumento terrivel para seu proximo film. Ella, então, achou que era melhor ficar em casa, descansando, do que voltar e interpretar *aquillo*... Eu e minha patroa lemos tudo a respeito...

Vance encostou-se na cadeira. A resposta era o ovo de Colombo... Fleming Stone, entretanto, redobrou os ataques:

— Vamos "seu" Vasconcellos. Negará o senhor, por exemplo, que ella se *queimou* quando, naquelles tempos do passado, diziam que era ella apenas a "protegida de Mauritz Stiller"?... E negará, tambem, que dahi para diante ella se tornou insociavel? Que almoça e janta em restaurantes baratos? Que guia um Ford barato? Que frequenta Cinemas, ás vezes, os mais baratos e compareceu á sua unica *primeira* com roupas baratissimas?

Babbitt encostou-se á cadeira, medroso. Depois respondeu, baixinho:

— Não sei nada desse negocio de insociavel. Sei que nós a recebemos em casa e ella nos recebe na sua. Perfeitamente bem, de ambos os lados. Stiller, segundo ella nos conta, sempre, era um homem ás direitas. Elle a trouxe para a America, porque sabia que ella era uma grande artista e dizia-o, sempre. Eram amicissimos. Isto, ao menos, foi quanto ella contou a patroa! Greta Garbo gosta do seu Ford. Uma das grandes emoções é vencer o meu Packard na sahida, no primeiro arranco... Veste-se com muita simplicidade, é certo, mas aprecio isto, nem imagina. Maria, minha patroa, gosta muito de imitar as artistas de Cinema...

Craig Kennedy atacou, por sua vez.

— Você não negará, amigo, que ella é usuraria ao ponto da miseria, néga?

— De facto, ha alguma cousa a respeito disto. Ella tem suas razões, entretanto. Ella me disse, certa vez: "Senhor Vasconcellos: o senhor pode ter um grande automovel e uma grande casa e, mesmo, se quizer, manter constante contrabando de bebidas as mais caras. O senhor é americano e está no seu paiz. Eu, não! Eu preciso economisar. Se parar de economisar, estarei arruinada. Preciso cuidar do meu futuro, da minha velhice. Os lucros de uma artista são sempre incertos... "Ella usa o bom senso, Mr. Kennedy. Miseravel? Não diga. Se o senhor apenas visse o que de caridades ella faz... Quantas e com que prazer! Mais do que eu, amigo e eu tenho meio milhão de fortuna approximadamente...

E tirou o *patacão* Pateck Philippe...

Kennedy quiz replicar. Preferiu calar-se e sentar. Vance, naquelle instante, estava calculando quantos films poderiam ser feitos com a fortuna do Vasconcellos...

Ahi foi Charlie Chan que se ergueu para enfrentar o pobre *novo rico*. Começou, confidencial.

— Uma cousa, senhor Vasconcellos. Porque é que Greta Garbo evita a publicidade?

— Ora, Mr. Chan... Não creio que ella saiba, realmente, o que isso é. Ella ignora e não comprehende o escandalo da reclame *yankee*. Já lhe pedi que auxiliasse a reclame de um dos meus molhos e ella me respondeu:

"Porque devo eu dizer que é um molho recommendavel? Não é, meu amigo. Peça á sua mulher que assigne a affirmação." Quer melhor prova de que ella não *toma* nada desses problemas? Nem na caixa do correio, na porta da rua, quer ella que colloquem o seu nome... Bem por isso, realmente, fez ella a sua casa no meio de arvores e arbustos espessos... Não conhece e nem quer conhecer a publicidade...

Fez uma pausa, limpou o suor do rosto e continuou:

— Ella recebe milhares de cartas, diariamente, de todas as partes do mundo. Em vez de dizer: "Que colosso! Quanta gente me admira!" Não. Ella diz, ao contrario: "Quem são esses que me escrevem? Eu não os conheço. Elles, tampouco... Porque razão elles me escrevem e querem que eu responda? Porque querem meu retrato? Não sou parente delles...

Voltaram-se todos os olhares para Sherlock Holmes. Elle olhou Vasconcellos e respondeu, pallido:

— Senhor Vasconcellos! Meu bom amigo, diga-me: o que foi que fez do *grande* mysterio de Greta Garbo?

Vasconcellos hesitou. Depois ganhou coragem e continuou:

— Se quer franqueza franca, amigo Holmes, direi que não existe mysterio algum. Acho, apenas, em tudo isto, extraordinario uma mulher viver em Hollywood e não acceitar Hollywood. Já tenho encontrado, na minha vida, muitos e muitas artistas. Já lhes emprestei dinheiro a juros e já lhes aluguei minhas casas e dei-lhes credito em meus armazens. Mas ella é, entre todos, a mais simples e a mais correcta em tudo, inclusive nos pagamentos. E', ouso affirmar, a unica que realmente representa com sinceridade, em todo Cinema. Os demais, além de representar nas fitas, vão continuar representando nos restaurantes de luxo, nas praias, nos passeios aristocraticos pelo Boulevard ou na propria igreja, aos domingos. E' a minha theoria. Greta Garbo é extremamente simples, extremamente humana e sem complicação ou mysterio algum. Não faz aquillo que não entende e não acceita, porque não acha razoavel. Depois disso, é uma creatura normal.

Os detectives olhavam Vasconcellos. Sherlock, afinal, disse, terminando a questão toda:

— Senhores... Temo, realmente, que *esteja* solvido o grande mysterio de Greta Garbo... E' melhor irmos procurar outra caça, não acham?

Sahiram. Mysterio?... E' sempre assim. Na vida das creaturas mysteriosas, exquisitas, differentes, que todos admiram e acham nellas mysterio, esphinge, duvida, interrogação, sempre ha uma dor de dentes, um callo doido ou caspas para limpar no banho dos sabbados...

Regras de amor conjugal

(Conclusao do numero anterior)

sempre eternos sustentaculos do lar. São estas as regras de Douglas Jr. para o casamento.

Seja honesto comsigo mesmo.

Guarde viva a chamma da camaradagem.

Jamais magoe a pessoa que ame. E, em caso geral, jamais o faça a quem quer que seja.

Nunca ache que está garantido em amor, Conquiste, sempre.

Para Douglas é facil manter vivo o ultimo preceito. Não fosse sua esposa a seductora e formidavel Joan Crawford. Elles vivem e movem-se no encantado circulo de fantasias que é Hollywood. Têm os mesmos amigos. Entre elles: Ann Harding, Harry Bannister, James Gleason e Lucille Webster, William Haines, Marion Davies e Gloria Swanson.

Ambos, pelo successo que hoje tem, lutaram vehementemente. A historia de como Joan trabalhou como verdadeira escrava, numa escola para crianças pobres, é conhecida de todos. Para Douglas Jr., diga-se, as cousas, na vida, foram um pouco mais faceis, realmente. Depois do divorcio de seu pae de sua mãe, Beth Sully, entretanto, o dinheiro da familia andou muito curto e muito esparso. Douglas e sua mãe foram para Paris e, lá, a vida ainda mais curta tornou-se. Tinham tão pouco dinheiro que, realmente, ás vezes só tinham uma refeição por dia.

Douglas pae não sabia nada desse soffrimento. Douglas filho era muito orgulhoso para pedir auxilio.

De repente, sem que elle proprio esperasse, veio-lhe um contracto vantajoso, só porque elle era Douglas, filho de Douglas Fairbanks, o celebre.

O film, feito pela Paramount, *Stephen Steps Out*, foi um redondo e radical fracasso. A Paramount não renovou a opção sobre o seu contracto...

Voltou elle para Paris e, lá, viveu mais um anno com o dinheiro que ganhára em 4 semanas. Lá é que elle começou a construir as bases da sua carreira a abraçar, lentamente, calmamente, resolvendo, depois, atirar-se á conquista de Hollywood... Começou interpretando papeis sem a menor importancia. Representou peças em theatros humildes e figurou em diversos films das fabricas mais pobres de Hollywood.

Conseguiu ser *astro*, a custa do mais terrivel e formidavel dos esforços. Uma carreira, em Hollywood, é sempre incerta. A propria First National achou que tinha feito máo negocio com o seu contracto e considerou-o uma negação. O seu canto de cysne ia ser o papel de irmão de John Barrymore em *Moby Dick*. Elle não tinha forças para recusar, mas sabia, perfeitamente, que se conseguisse um papel dos importantes que *Patrulha da Madrugada* offerecia, conseguiria, fatalmente, o seu reerguimento immediato. A companhia nem siquer pensava em lhe dar o referido papel. Howard Hawks e Richard Barthelmess, entretanto, tudo fizeram por elle. Pela insistencia de ambos, director e *astro*, conseguiu elle o papel. E melhor do que ninguem vocês para saberem como elle o interpretou.

Douglas Jr encara *Patrulha da Madrugada* como seu maior film. Acha, entretanto, que um dos bons que tem feito, ultimamente, foi *Outward Bound*.

Além de artista, elle é pintor, escriptor, esculptor e não tem intenção de deixar o Cine-

(Termina no fim do numero).

A resposta de Clara Bow

(F I M)

Hollywood é demasiadamente cheio de illusões e fantasias. Falam que sou espalhafatosa porque apresento-me **ricamente vestida** e numa **Izotta Fraschini**. E' mentira esta ultima asseveração. Mas o publico é engraçado: toleraria elle saber que viajo num Ford e não tenho uma joia siquer? O que pensaría de mim? Não adeanta que eu perca uma parte da minha noite de descanço para **apparecer em publico**. Este jamais me verá como eu realmente sou e, sim, farejar-me-á como **escandalosa** e **aquella das noticias dos jornaes**. E' esta a verdade e por isto mesmo que vivo evitando o publico. Ha muitos annos que não me sinto como realmente sou. Talvez a conversão tenha sido até commigo mesmo...

Alguma cousa do que você disse a respeito de minha mãe é realmente verdadeira. Mas, confesso, é um assumpto que jamais apreciei discutido em publico. Ha cousas que eu prefiro sempre esquecidas. Mesmo para mim.

Procurarei seguir o que de bom colhi nos seus conselhos em "carta aberta". Veremos se isso me adeanta para alguma cousa...

Espero que nos encontremos, em breve e que possamos pessoalmente conversar melhor.

Sinceramente.

Calma, Constance!

(F I M)

tas puz-me a pensar: Não tenho a entrevista. Não tenho nada de importante. O editor vae zangar-se commigo.

Depois atinei!

Eureka!!!

Tinha um artigo **sobre** Constante Bennett. E escrevi isto...

Regras de amor conjugal

(F I M)

ma por qualquer dessas outras artes que tambem conhece. Acha que são artes que requerem muita concentração. Quer ter, no Cinema, uma posição de orientador e productor, acima de qualquer outra cousa. Elle preferiria dirigir, representar e ter, ainda, uma mão na producção dos seus films. Acha que só assim poderia dar sufficiente desenvolvimento aos seus predicados mentaes, intellectuaes e physicos.

Perguntei-lhe por que é que elle e Joan, depois de **Donzellas de Hoje**, não haviam representado, juntos, em outro film.

— Se tivessemos que trabalhar juntos, o publico não sentiria os papeis que interpretamos e, sim, sentiriam, apenas, as nossas verdadeiras identidades. Se o film me pedisse que amasse Joan, todos achariam: "Veja lá! E' daquelle geito que elle a ama, em seu lar!". Se o papel, ao contrario, exigisse que eu a brutalizasse, elles tambem diriam: "Está acostumado, não faz outra cousa em casa, com certeza...".

Despedi-me. Perguntei-lhe, antes de sahir, qual a sua verdadeira edade.

— Quanto acha?

— Não posso acertar.

— Nasci em 1907, amigo.

Quiz escrever, usando o lapis que tinha entre os dedos. Elle riu-se, largamente e depois respondeu.

— A's vezes dou 1903, ás vezes 1908, ás vezes 1905 e, mesmo, ás vezes 1910, mesmo... Quando chegar aos 50 ou 60, direi, com certeza, que nasci em 1916...

— Mas 1907 é o certo?

— Ao menos, durante este anno e, realmente...

Tornou a rir-se. Comprehendi, nisso, melhor do que antes, o seu espirito de renovação de enthusiasmo. E' por isso que elle conserva Joan cada vez mais apaixonada por elle.

O unico amor de Marlene

(F I M)

tambem. Ficarei lá, desta vez, seis mezes. Passarei os outros seis aqui.

Perguntei-lhe, depois de certa pausa.

— E como teve a coragem de vir, antes de deixal-a lá? Por que não a trouxe comsigo?

Ella fez um rapido gesto e respondeu, em seguida.

— Não a posso trazer. Prefiro soffrer a sua ausencia do que sujeital-a a estar aqui, um clima muito differente, muito quente. Temo que aqui ella perca as vermelhas maçãs do seu rostinho... Lá estão seu pae, seus avós, seus priminhos, seu lar, seu jardim. Maria é minha unica filha! Ah!...

Teve uma pausa e um soluço.

— Deixei-a com quatro annos. Agora vou vel-a com cinco. Já com cinco, imagine!!! Como vôa o tempo... Perdi tantos dias da sua convivencia adorada...

O seu sorriso tornou a ter um rapido collapso. Depois voltou de novo, sempre triste...

— Nas suas cartas, escriptas com a ajuda do pae, diz-me ella que está muito pequenina ainda e que está louquinha por me ver. Ella sabe que eu gosto tanto de a ter pequenina, ao meu lado... E' por isso que ella me diz: "Mamãezinha. Eu ainda estou pequenina, muito pequenina. Você vae ver. Só cresço aquillo que não posso deixar de crescer, ouviu?" Sempre amorosa! Sempre meiga e boa. Que filhinha que eu tenho!!! Foi ella, a minha Maria, entretanto, que me fez vir para a America. Ha muito que todos lá de casa me diziam que eu devia vir para a America, para os verdadeiros films do mundo. Nos tempos dos films silenciosos, já me diziam que viesse. Eu não quiz. Foi ahi, depois desse periodo, que me encontrei com Josef Von Sternberg, o meu director em **Marocco** e **Anjo Azul** (Der Blaue Aengel). Elle, na minha opinião, é o maior director que o Cinema já teve. Encontrámo-nos em Berlim, pela primeira vez. Elle já me tinha visto numa operetta qualquer e, assim, já conhecia minhas possibilidades. Minha educação artistica era toda musical. Aprendi musica em Weimar.

Disse-lhe que tambem havia estado no conservatorio de Leipzig, aprendendo musica. Ella interessou-se logo e, avida, perguntou-me, pegando-me na mão.

— Foi feliz, foi? Eu, antes de aprender musica, entretanto, aprendi a cozinhar e a arrumar casa, num departamento que o proprio internato mantinha. Depois, então, fui cuidar dos meus estudos musicaes. Depois, então, Sternberg poz-me no elenco, ao lado de Emil Jannings. O film seria feito na Allemanha. Começaram, em casa, depois disto, a falar, insistentemente: "deves ir; deves ir; deves ir"; todos assim achavam. Eu lhes respondi que não podia deixar a minha Maria.

Fez-se uma ligeira pausa. Pensando em tudo, continuou ella.

— Sinto-me nervosa e infeliz. Amo o meu trabalho, a minha carreira. Pelo dinheiro, nem tanto. O que dê para dar a melhor educação e o maximo conforto possivel á minha Maria. Basta-me, de sobra. E' para ella que trabalho.

Voltou, depois, ás suas recordações de antes de sua vinda aos Estados Unidos.

— Uma noite, quando voltei do Studio, elles me continuaram o falatorio e a instigação. Falaram, depois, o dia seguinte, todo. Mesmo meu marido aconselhava-me a dar o passo que os outros tambem achavam bom. Elle, director de films para a Ufa, tambem achava que eu devia ir. Achava, justamente, que não devia, por escrupulo ou egoismo, privar-me de um futuro que sorria admiravel. Lembro-me que eu chorava. Maria, apenas com quatro annos, acercou-se de mim. "Chora aqui, mamãezinha!" Disse-me ella. E fez-me encostar a cabeça sobre seu pequenino hombro.

(Conclue no proximo numero)

Uma nova Maria Prevost

(F I M)

Depois de exhibido o film, todos disseram:

— Viu Marie Prevost? Que gorda que ella está! Mas que scena boa aquella em que sobe as escadas, não?

E foi assim que com um papel e uma fama de gorda que conseguiu ella mais um excellente contracto.

Diz-nos ella, agora, referindo-se ao presente e ás previsões para o futuro.

— Não me importo com o ser ou deixar de ser estrella. Estrellar um film, para mim, nada quer dizer. Os papeis que me estão dando, na M. G. M., são justamente aquelles que ha muito eu queria estar vivendo e, assim, conseguindo estou o quanto ambicionei, na vida. Prefiro um simples pequeno papel, sendo elle bom, do que o cargo de estrella e uma historia pessima, como me acontecia antes... Agora estou emmagrecendo, novamente. Faço diéta e exercicios em abundancia. Quero perder de 25 a 30 libras e, depois, pensarei numa volta mais interessante ainda...

Aqui está um pouco da Marie Prevost de hoje, nova, gorda, em pequenos papeis e mais feliz do que nunca...

Que continue emmagrecendo e que volte ao seu verdadeiro posto ao lado das legitimas **estrellas**.

Da opera ao cinema

(F I M)

caram, principalmente estas, foram a sua primeira consagração naquelle ambiente até então hostil.

Grace, entretanto, não deixou qut sua cabeça se erguesse e nem se preoccupou com aquillo, posto que, evidentemente, ficasse satisfeitissima com o succedido. Sabia ella, entretanto, que aquillo não era tudo. Melhores opportunidades esperavam-na, com certeza e, assim, continuou gastando os **dollars** que recebia, em concertos ligeiros, com o continuo aperfeiçoamento da sua preciosa e deliciosa voz. A proxima estação theatral encontrou-a interpretando o principal papel da comedia musicada, **Up in the Clouds**. E, logo depois disso, tornou-se ella a estrella da **Music Box Revue**. Era esta, naquelle tempo, a mais maliciosa e a mais procurada das revistas.

Chegou, finalmente, 1928, o maior anno de toda a sua nascente carreireira. Cantou **La Bohême**, feliz como jamais o fôra, no immenso e tão aristocratico palco do Metropolitan. O mesmo famoso Metropolitan aonde Caruso colhera seus maiores triumphos e aonde a divina Farrar conhecera os maiores triumphos. No papel de Mimi, a misera tuberculosa e amorosa, Grace conseguiu um radical successo. Todos a applaudiram. Não houve uma critica que fosse menos elogiosa do que outra. E, notava-se, era um enthusiasmo espontaneo, sincero, natural. Era ella chamada, em todos os cantos, como a descoberta mais sensacional de quantas fizera o empresario Otto Kahn.

Romeu e Julieta, Manon, a seguir, foram seus novos triumphos. Foi ahi, justamente que lhe aconteceu uma pequena tragedia, na vida. O seu professor, professor Marafiotti, hoje tambem na M. G. M., ordenou-lhe que engordasse e augmentasse de tamanho e peso. Caso contrario, para a opera, estaria irremediavelmente perdida. Não resistiria ao esforço se não fortalecesse bastante o seu physico. Comeu ella, então, a primeira batata. em muitos annos e como a opera não lhe permittia ter o physico de uma pequena de Ziegfield, engordou ella, em poucos mezes, a bem da arte...

Em Paris, pouco tempo depois. na **Opéra Comique**, cantou ella o papel de protagonista da peça **Louise** e o publico e criticos parisienses cahiram a seus pés. Mesmo Gustave Charpentier, o compositor da peça, enthusiasmou-se enormemente pela soprano yankee. Achavam sua voz exquisita, differente e extraordinariamente bella. Comprou ella, pouco tempo depois, uma villa, em Cannes, bem defronte ao azul mediterraneo e lá passou ella a receber e ser recebida pela melhor sociedade franceza.

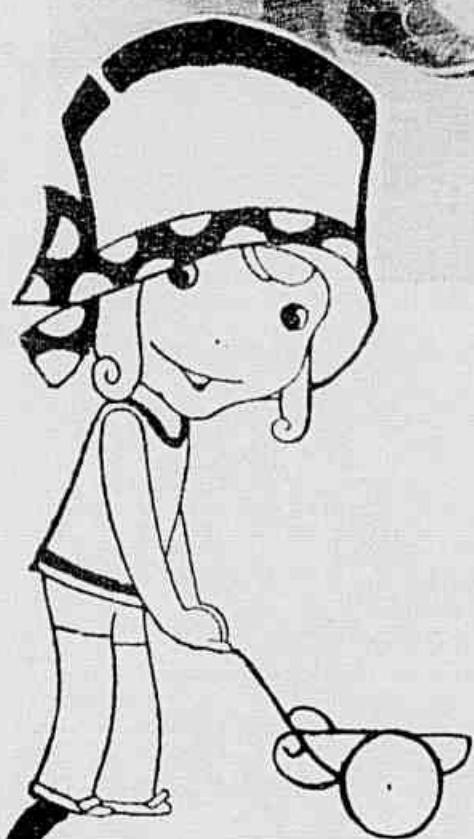
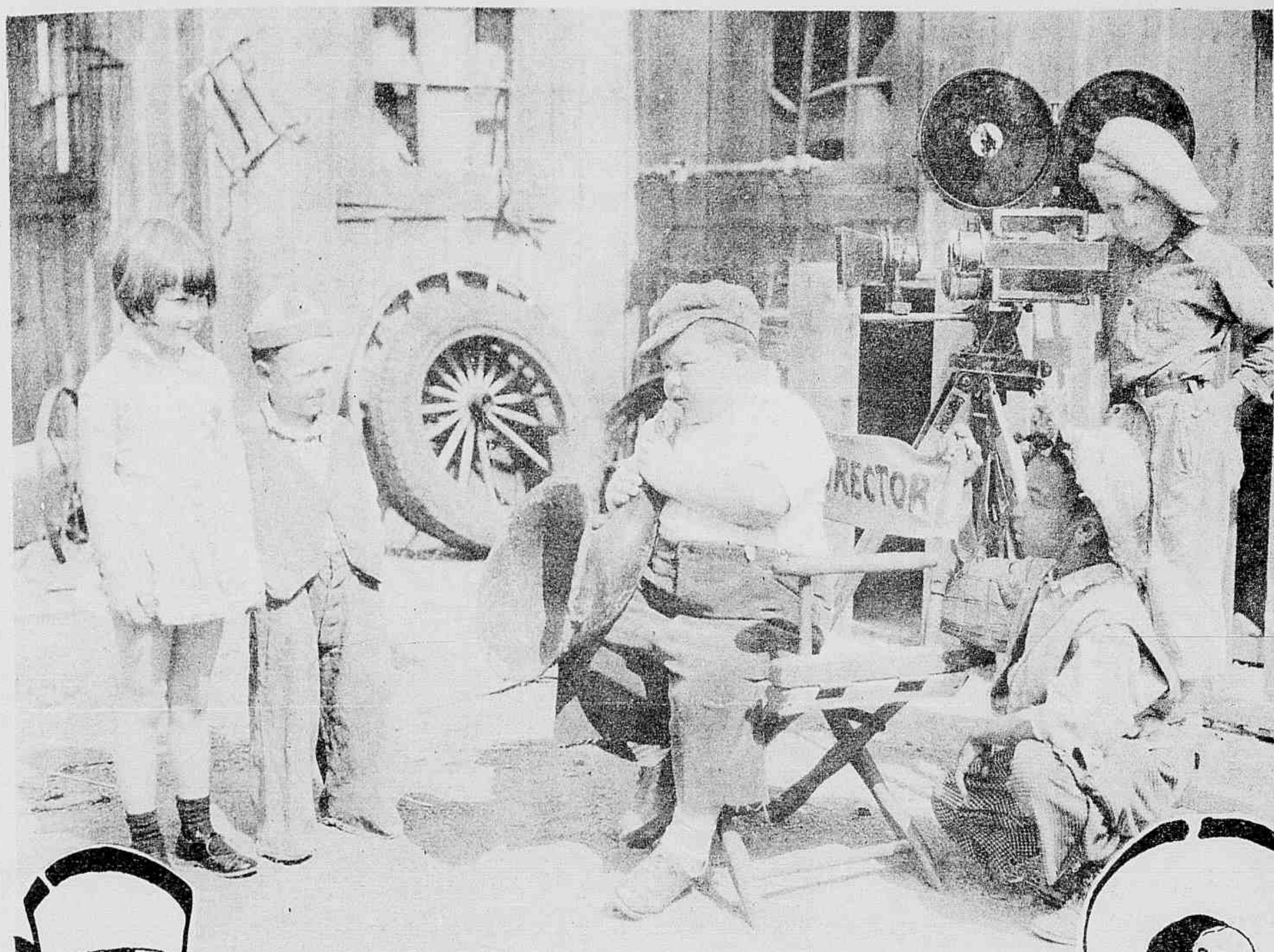
Todo interesse, na historia de uma mulher, é um homem. Não se impacientem! Se elle ainda não appareceu, apparecerá.

A sua vida, ali no seu lar de Cannes, era cheia de emoções e, todo seu descanso, passava-o ella lá. Numa occasião, quando tomava seu banho de mar, Grace, nadando, deu com as barbas de um homem que não era São Nicolau. Olhou-o bem. E, quando menos esperava, exclamou, reconhecendo-o e surprehendendo-se.

— Bernard Shaw! Muito prazer em conhecel-o, embora numa situação tão pouco aristocratica...

Era, de facto, o homem que mais ridicularizou a America que ali estava. Entretanto, num relance, deixou-se elle attrahir pela graça e elegancia da **diva** americana e, num outro instante, sem mais delongas, deixou suas ironias e passou a frequentar a casa da yankeezinha, sem maiores pretenções do que as de um simples admirador.

Ahi é que o Cinema falado conseguiu sua perfeição. Grace Moore foi foi procurada e foi contractada. Seu contracto era grande e tinha mais zeros do que quantos ella tirara nos seus dias de collegio, em exames de mathematica... Viu ella, naquelle contracto, que poderia, com o dinheiro de uma semana de trabalho, comprar mais duas villas em Cannes, quando quizesse e, assim, resolveu logo procurar Hollywood. Lá passou ella a figurar em dois films, quasi que simultaneamente: **New Moon**, ao lado do seu grande collega, Lawrence Tibbett e, no outro, **Jenny Lind**, que passou a se chamar **A Lady's Morals**. A principio, Grace Moore não gostou de Hollywood. Era quente, máu clima para a sua voz e ella não se encontrou, logo, com os bons amigos que Hollywood tem. Além disso, a technica do Cinema é demasiadamente differente da Opera e do theatro e isso contrariou-a, a principio, quando ainda nada conhecia da industria. Achava, nesse tempo, que o director cortava

(Termina no proximo numero)

Os Sonhos de Natal

O sonho lindo de todas as crianças, na quadra festiva do Natal, é a figura veneranda do velho Papae Noel. Em cada criança vivem sempre, por esse tempo, um desejo, um anseio, uma esperança, para a posse de um cubiçado brinquedo que o velhinho das longas barbas brancas traz escondido no sacco de surpresas. — Vou ganhar uma boneca! — sonha a menina. — Vou receber um trem de ferro! — deseja o menino. E cada brinquedo é um motivo de desejo para a noite risonha do Natal. Ha, porém, uma cousa cubiçada por todas as crianças — é o

ALMANACH D'"O TICO-TICO" PARA 1931

Publicação das mais cuidadas, unica no genero em todo o mundo, o

ALMANACH D'"O TICO-TICO" PARA 1931

que está á venda, em todo o Brasil, é um caprichoso album cheio de contos, novellas, historias illuastradas, sciencia elementar, historias e brinquedos de armar. Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamin, Jujuba, Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco, Faustina e outros personagens tão conhecidos das crianças tornam essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.

O Almanach d' O TICO-TICO para 1931

está á venda em todos os jornaleiros do Brasil, mas, se houver falta nesses jornaleiros, enviem 6$000 em carta registrada, cheque, vale postal ou em sellos do Correio á

Gerencia d' O Almanach d' O TICO-TICO

Rua da Quitanda, 7 — Rio — que receberão logo um exemplar.

PREÇO: 5$OOO —— Pelo Correio: 6$OOO.

IPANEMA T.N.
611
a
melhor pasta
para dentes